



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ



DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL – PROFLETRAS

DULCELIR DIAS DE QUEIROZ DA SILVA

**MEMES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO DISCURSO**

**ILHÉUS-BAHIA
2023**

DULCELIR DIAS DE QUEIROZ DA SILVA

**MEMES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO DISCURSO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Luzia Lunkes.

**ILHÉUS-BAHIA
2023**

S586

Silva, Dulcelir Dias de Queiroz da.

Memos no ensino de Língua Portuguesa sob a perspectiva da análise do discurso / Dulcelir Dias de Queiroz da Silva. – Ilhéus, BA: UESC, 2023.

98f. : il.; anexos.

Orientadora: Fernanda Luzia Lunkes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Inclui referências e apêndice.

1. Análise do discurso. 2. Memos. 3. Redes Sociais. 4. Ensino. I. Título.

CDD 401.41

DULCELIR DIAS DE QUEIROZ DA SILVA

**MEMES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO DISCURSO**

Ilhéus, 07 de agosto de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fernanda Luzia Lunkes
UESC
(Orientadora)

Profa. Dra. Silmara Cristina Dela da Silva
UFF

Profa. Dra. Ana Cristina Santos Peixoto
UESC

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o milagre da vida e sustentar diariamente a minha fé e coragem para concluir mais uma etapa da minha vida,

À minha família, pelo incentivo e por entender a minha ausência em algumas ocasiões,

Às colegas de mestrado Sandra, Alana, Noélia, Rubienes, Milena, Clébia, Geórgia e Fernanda, pela troca de experiências, conhecimentos e pelo ombro amigo sempre que solicitado,

Aos meus pais Jair e Dulce – *In memoriam* – por me ensinarem que estudar transforma a vida e pelo orgulho que sempre tiveram da minha trajetória acadêmica,

Às sobrinhas Laísa e Jamile pelas buscas dos livros e textos na internet,

À Joilma pela ajuda tecnológica,

À minha orientadora, Profa. Dra. Fernanda Luzia Lunkes, pela paciência, pelas contribuições feitas ao trabalho e por incentivar e acreditar no meu potencial para realizar esta pesquisa,

Aos professores Nair Andrade, Gessilene Kanthack, Wagner Nobre, Isaías Carvalho e Rodrigo Aragão, que compuseram brilhantemente o quadro docente da 7ª turma do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS,

À banca examinadora que fez observações de grande relevância para ajudar na construção deste trabalho,

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa se desenvolve com o intuito de analisar efeitos de sentido que podem ser mobilizados pelo/no sujeito-professor ao fazer a leitura de memes, observando o funcionamento discursivo da língua, considerando o verbal e o não verbal. O meme é um texto que circula nas redes sociais e provoca diferentes interpretações. Nesse contexto, considerando os avanços das tecnologias e as práticas de linguagens encontradas no ambiente virtual, mais precisamente nas redes sociais, a pesquisa traz a proposta de mobilizar os memes no ensino de Língua Portuguesa, a fim de buscar um olhar mais crítico e reflexivo acerca dos temas abordados na formação social brasileira. Nessa finalidade, a pesquisa discorre sobre a presença crescente das tecnologias no cotidiano das pessoas e sua influência nas atitudes e maneira de interagir com a sociedade, apresenta conceitos relacionados à teoria da Análise do Discurso materialista, e aborda questões relacionadas ao meme na perspectiva discursiva. Como produto da pesquisa, foi organizado um Material Pedagógico direcionado aos docentes com o intuito de mostrar a importância da articulação entre teoria e prática no fazer pedagógico a partir da mobilização de memes que tratam do cotidiano profissional do sujeito-professor. O referencial teórico utilizado fundamenta-se na Análise de Discurso de linha francesa, nos estudos de Pêcheux (2015 [1983]), e nos desdobramentos desse campo teórico no Brasil. Como resultado dessa pesquisa, espera-se ampliar as discussões acerca dos textos digitais, em especial dos memes, reconhecendo sua potencialidade como propulsor de um ensino-aprendizagem voltado para a análise crítica e reflexiva, que auxilie professores, através do Material Pedagógico, a desenvolver seu trabalho respaldado na articulação entre teoria e prática.

Palavras-chave: Análise de discurso. Memes. Redes Sociais. Ensino

ABSTRACT

This research is built up with the aim of analyzing which effects of meaning can be mobilized by the subject-teacher when reading memes, observing the discursive function of the language, considering the verbal and the non-verbal contexts. The meme is a text that circulates on social networks and have different interpretations. In this context, considering the advances in technology and language practices found in the virtual environment, more precisely in social networks, the research proposes to mobilize memes in Portuguese language teaching, in order to search a more critical and reflective look at of the topics addressed in Brazilian social formation. For this purpose, the research discusses the growing presence of technologies in people's daily lives and their influence on attitudes and ways of interacting with society, presents concepts related to the theory of Materialist Discourse Analysis, and addresses issues related to meme in the discursive perspective. As a result of the research, a Pedagogical Material will be organized aimed at teachers in order to show the importance of the articulation between theory and practice in pedagogical work based on the mobilization of memes that deal with the professional daily life of the subject-teacher. The theoretical framework used is based on the French Discourse Analysis, on the studies of Pêcheux (2015 [1983]), and on the developments of this theoretical field in Brazil. Resulting on this research, it is expected to expand discussions about digital texts, especially memes, recognizing their potential as a driver of teaching-learning focused on critical and reflective analysis, which helps teachers, through the Pedagogical Material, to develop his work supported by the articulation between theory and practice.

Keywords: Discourse analysis. Memes. Social media. Teaching

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quando eu digo que sou professor(a)...	30
Figura 2: Deus está vendo.....	32
Figura 3: Print: tela da página Professor da Depressão.....	32
Figura 4: Professor ontem e hoje.....	34
Figura 5: Aumento dos professores.....	35
Figura 6: Cartum.....	36
Figura 7: Cartum - Matando a fome.....	37
Figura 8: Nazaré Confusa.....	38
Figura 9: Nazaré Confusa 2.....	39
Figura 10: Nazaré Confusa 3.....	39
Figura 11: Nazaré Confusa 4.....	40
Figura 12: Atividade do livro didático – 9º ano.....	59
Figura 13: Atividade do livro didático – 9º ano.....	60
Figura 14: Atividade do livro didático – 9º ano.....	60
Figura 15: Conceito de Meme.....	65
Figura 16: Origem do Meme.....	66
Figura 17: Atividade envolvendo Meme.....	66
Figura 18: Fica, vai ter Meme!.....	67
Figura 19: Proposta de atividades com Memes.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pontos referentes ao texto.....	19
Quadro 2: O termo meme.....	29
Quadro 3: Síntese conceitual dos gêneros charge, cartum e meme.....	41
Quadro 4: Objetivos do Ensino Fundamental.....	45
Quadro 5: Críticas ao ensino tradicional.....	48
Quadro 6: Competências gerais da Educação Básica.....	50
Quadro 7: Competências específicas de linguagens para o ensino fundamental.....	54
Quadro 8: Demonstrativo do uso das tecnologias e inclusão de gêneros digitais no componente Língua Portuguesa anos finais.....	56
Quadro 9: Estrutura do Material Pedagógico.....	63

LISTA DE SIGLAS

AD.	Análise do discurso
BNCC.	Base Nacional Comum Curricular
DE	Discurso de Escrita
DO	Discurso de Oralidade
FD	Formação discursiva
LD	Livro Didático
LP	Língua Portuguesa
MP	Material Pedagógico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TIC.	Tecnologia de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	TECNOLOGIAS E ANÁLISE DO DISCURSO: possibilidades de articulação entre múltiplas linguagens	11
2.1	Texto na perspectiva discursiva	17
2.2	Autoria	19
3	AS TECNOLOGIAS E O ESPAÇO DIGITAL DA PERSPECTIVA DISCURSIVA	26
3.1	O meme da perspectiva discursiva	26
3.2	Materialidade digital	42
4	DOCUMENTOS OFICIAIS: PCNs, BNCC e suas relações com as Tecnologias de Informação e Comunicação	45
5	METODOLOGIA	61
5.1	Material Pedagógico - Memes em sala de aula: um olhar discursivo	62
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Com a explosão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), mais especificamente com o advento da internet, o espaço digital passou a ser um ambiente que oferece condições para o trabalho com múltiplos materiais simbólicos, a exemplo dos textos verbais, vídeos, áudios, imagens, entre outros. Nesse contexto, encontram-se os memes, que, a partir da composição palavra e imagem (LAGAZZI, 2009), nos proporcionam refletir sobre o que o sujeito falante ou o leitor podem produzir/ouvir nas diferentes manifestações da linguagem.

Com o ilusório pensamento de que o espaço encontrado nas redes sociais permite falar sobre tudo e todos de forma indiscriminada, os memes acabam sendo usados como um jogo de contradições, de deslizamentos que dão margem à interpretação de sentidos humorísticos e irônicos, mesmo, sobretudo, quando se trata de assuntos tidos como sérios e de relevância para a sociedade. O meme traz em sua composição imagens, formato, léxico, temas, que circulam nas redes sociais produzindo interpretações/ efeitos de sentidos diversos para o sujeito. Vale lembrar, de acordo com Santos (2019), que o meme pode ser formulado e posto em circulação no ciberespaço, por qualquer pessoa e que, em sua composição, traz assuntos variados relacionados a acontecimentos que mobilizam a sociedade.

Ao formular um meme, o sujeito produz e leva seu interlocutor a produzir sentidos que, para Orlandi (2020), sob o viés da Análise do Discurso (doravante, AD), estão ligados ao que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Os memes, como acontece com outras postagens veiculadas na internet, surgem propagando sentidos por um tempo não muito prolongado, de acordo com o efeito provocado pelo assunto tratado naquele momento. Esses efeitos de sentidos são apagados e, quase sempre, renovados com o aparecimento de novos memes que dão sequência às discussões. Como exemplos, podemos mencionar os memes, que invadem o ciberespaço trazendo a educação como temática, enfatizando a relação dos professores com a realidade da profissão, expondo-os, muitas vezes produzindo efeitos de ridicularização.

Saber por que e por quem um meme é criado é tarefa quase impossível, visto que diferentes condições de produção estão em jogo e considerando ainda a premissa

de que o sentido sempre pode ser outro (PÊCHEUX, 1983). Apesar de o ciberespaço ser o suporte do meme *on-line*, e por isso ter a possibilidade de apresentar estrutura textual diferenciada da usada no contexto *off-line*, é preciso lançar mão, no momento discursivo, da memória, da ideologia, do contexto sócio-histórico, mesmo porque:

Com as novas tecnologias de linguagem, à memória carnal das línguas “naturais” juntam-se as várias modalidades da memória metálica, os multimeios, a informática, a automação. Apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes (ORLANDI, 2020, p.10).

A cada dia é visível o avanço das tecnologias em nossas vidas, de modo que fica quase impossível pensar o cotidiano sem esse aparato tecnológico. “Na vida de contínua emergência, as relações virtuais levam a melhor facilmente sobre a ‘coisa real’ e a capacidade interativa da internet é feita sob medida para essa nova necessidade [...]” (BAUMAN, 2010, p. 67-69). As tecnologias estão presentes fortemente no nosso cotidiano, mas, mesmo com as suas flexibilizações no que diz respeito à construção discursiva, não existe texto sem os efeitos da história, da ideologia, da memória. Segundo Orlandi (2020), o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.

O meme é um fenômeno que invadiu o espaço virtual, tendo aceitação e expansão, assumindo um funcionamento de provocador de discussões acerca de temas que refletem a história política e social do Brasil a exemplo da educação, saúde, violência, entre outros. Torres (2016) diz que, no contexto da internet, o meme traz essas discussões, utilizando quase sempre de tom jocoso ou irônico, que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo, podendo ser intensamente compartilhado por usuários nas mídias sociais.

Atento a essa profusão dos memes, o Museu da Língua Portuguesa, em sua reinauguração, no dia 31 de julho de 2021, em São Paulo, organizou uma exposição intitulada Língua Solta, na qual o meme ganhou destaque. Além desse evento, é possível verificar que pesquisas estão sendo realizadas recentemente, sendo o meme o objeto de estudos, buscando compreender seus modos de composição, seus efeitos de sentidos e sua condição de produção. Essa afirmativa pode ser comprovada através da grande quantidade de respostas que aparecem ao pesquisarmos essa

temática no *google* e também ao acessarmos o banco de teses e dissertações da CAPES¹ vinculado à Plataforma Sucupira.

Enquanto usuária das redes sociais, vejo, a cada dia, o crescimento da veiculação, no espaço virtual, de memes abordando diversos temas pertinentes, levantando reflexões e discussões para a sociedade. No entanto, neste trabalho, darei ênfase aos que são relacionados ao contexto educacional, onde muitas vezes privilegiam o professor, trazendo críticas, piadas e diversas situações do seu cotidiano profissional.

Algumas questões relacionadas ao meme e sua perspectiva discursiva, serão abordadas e investigadas nesta dissertação, que tem como objetivo geral situar os efeitos de sentido produzidos por memes relacionados ao sujeito professor e(m) suas práticas pedagógicas. São objetivos específicos: situar conceitos relativos à análise de discurso de base materialista; analisar as condições de produção dos memes; buscar a compreensão de como os memes podem mobilizar o sujeito em uma prática discursiva; compreender o meme e(m) seus processos de identificação do sujeito professor, e como seus efeitos de sentido podem inscrevê-lo em sua posição discursiva, tendo em vista sua intensa circulação em nosso cotidiano; elaboração de um material pedagógico direcionado aos docentes, mobilizando a articulação entre teoria e prática.

Outro ponto a ser considerado, estudado e investigado nesta dissertação diz respeito à inclusão e aplicabilidade da materialidade meme, com cunho pedagógico, nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que eles podem proporcionar reflexões, pois inscrevem a memória, se abrem ao equívoco, ao deslize de sentidos, filiam-se a determinadas condições de produção, possibilitando aos estudantes gestos de leitura outros, de forma mais advertida e situada. Para a efetivação desse estudo, faz-se necessário, também, investigar se há presença de memes no livro didático, investigar a relação entre as Tecnologias de Informação e Comunicação com os documentos oficiais que regem nosso sistema educacional e identificar uma forma de aplicabilidade plural nas aulas de Língua Portuguesa. Estou diante de outras perspectivas de escrita e leitura, das quais há muito a ser explorado (LACERDA, 2018), considerando as múltiplas práticas de linguagem que vêm ganhando dimensões no universo digital, mais especificamente nas redes sociais virtuais.

¹ Veja mais dissertações/trabalhos sobre Memes, acessando: <https://sucupira-beta.capes.gov.br/sucupira4/>

Nesse contexto, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) invadiram nossas vidas de tal forma que fica quase impossível viver sem usufruir diariamente dos seus benefícios, de maneira a evidenciar que,

a rapidez dos avanços tecnológicos repercutiu no crescimento exponencial de novas tecnologias. Em menos de duas décadas, as redes informáticas deram origem a infinitos recursos que foram incorporados ao nosso cotidiano. Novos equipamentos digitais – *note/net/ultrabooks*, celulares, *tablets* e *smartphones* – desbancaram em interesse e uso os nem tão tradicionais computadores pessoais, oferecendo flexibilidades para o uso em qualquer local, a qualquer tempo. (KENSKI, 2013, p.44).

Muitos docentes ainda desconsideram as potencialidades que essas tecnologias apresentam quando falo em aprendizado. Lançar mão desses avanços tecnológicos na prática pedagógica significa proporcionar a docentes e discentes um processo educativo mais dinâmico e democrático. O mundo caminha de mãos dadas com o avanço tecnológico e, nesse contexto, gêneros textuais foram surgindo, a exemplo do meme, que circula velozmente nas redes sociais e podem ser potencialmente contribuidores positivos para um aprendizado mais crítico e reflexivo, ancorados na polissemia dos sentidos que podem ser produzidos em uma interpretação e no posicionamento do sujeito, de acordo com as condições de produção.

Os memes proporcionam um trabalho com múltiplas possibilidades de uso da linguagem e suas reflexões, “dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva” (ORLANDI, 2020, p.60), ainda de acordo com a AD, essa multiplicidade interpretativa leva o sujeito a perceber que uma única palavra, dependendo do contexto em que está inserida, pode levar a vários sentidos. Segundo Gallo (1992), a AD constitui um campo cujo método de reflexão mobiliza questões referentes à constituição do sujeito e do sentido. Diante desse cenário, no qual docentes e discentes estão frequentemente conectados no mundo *on-line*, torna-se relevante um estudo teórico analítico sobre os efeitos de sentido que o meme pode produzir, bem como verificar sua inserção para o ensino de Língua Portuguesa. Nos capítulos seguintes discutirei mais detalhadamente as questões aqui apresentadas.

2 TECNOLOGIAS E ANÁLISE DO DISCURSO: possibilidades de articulação entre múltiplas linguagens

Sigaut (1996), citado por Dias (2018, p. 36), afirma que “o termo ‘tecnologia’ difundiu-se na França depois da última guerra, primeiramente, com a mesma acepção que nos países anglo-saxões de onde provinha, isto é, para designar conjuntos de técnicas modernas e de caráter científico, em oposição às práticas supostamente empíricas dos artesãos.” Do século XVIII ao século XXI, a concepção de uso e aplicabilidade da tecnologia no contexto social vem sofrendo mudanças significativas. Temos, hoje, tecnologias que informam, comunicam, aproximam, mas também afastam pessoas. É o avanço tecnológico!

A disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no mundo contemporâneo vem ocasionando mudanças no cotidiano e no comportamento das pessoas, uma vez que, através dessas tecnologias, é possível, dentre outras coisas, trabalhar, estudar, se divertir, comprar comida, emitir opiniões e desabafos nas redes sociais. As tecnologias sempre estiveram presentes na história da humanidade, proporcionando, em algumas situações, prejuízos, dilemas, desafios, sem deixar, no entanto, de contribuir de alguma maneira com diversas melhorias à sociedade. De acordo com Esteven Rose (1994), conforme citado por Kenski (2013, p. 25)

cada época é determinada pelo tipo de tecnologia predominante. Assim, denominações como as “idades” da pedra, do bronze, dos metais, representariam momentos na história da humanidade em que foram desenvolvidas tecnologias inovadoras para a plena utilização desses materiais.

Assim como nos momentos das “idades”, as tecnologias utilizadas nos dias atuais são inovadoras, estão a serviço da sociedade e passaram a protagonizar uma revolução em todos os segmentos sociais, de forma célere, impulsionando uma corrida pelo aprimoramento do manuseio de *smartphones*, computadores, *tablets*, entre outros, que se configuram como suportes para o acesso a ambientes virtuais no mundo *on-line*. De acordo com Kenski

O contínuo avanço tecnológico já leva os principais desenvolvedores a rotularem os novos tempos de “era pós-PC”, caracterizada pela disponibilização das redes e da internet em dispositivos e objetos – tevês, carros, celulares, roupas, *laptops*, *tablets*, móveis. (2013, p.44).

Mergulhando nesse contexto sócio-histórico-ideológico, onde vivencio as inovações decorrentes das mais novas tecnologias, estabelecendo contato com redes

sociais virtuais, a exemplo do *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *blogs* e *WhatsApp*, evidencia-se que

no espaço de fluxo das redes circulam basicamente *informações* que podem ser conectadas como se apresentam, mixadas, recortadas, combinadas, ampliadas e fundidas, de acordo com os interesses e as necessidades de quem as acesse. Além disso, esse novo espaço pode ligar-se ao espaço físico, estabelecendo as mais variadas e amplas recombinações. (KENSKI, 2013, p. 45, grifo da autora).

Com o advento da Internet, as práticas de linguagem vêm ganhando dimensões diversas, uma vez que esse espaço proporciona condições para o trabalho com diferentes materiais simbólicos, a exemplo dos textos audiovisuais, imagéticos, verbais, entre outros. Levando em conta a constatação de Kenski, no que diz respeito à circulação das informações no mundo *on-line* e suas múltiplas interpretações, o meme surge como uma das diferentes materialidades passíveis de imbricação, mesclagem em sua composição, deslizes e polissemia, levando o sujeito a interpretações diversas, de acordo com o contexto sócio-histórico a que pertence. Pensando a internet como espaço no qual diferentes linguagens se compõem, Dias afirma que

Partindo do pressuposto de que é o modo como o discurso circula e produz sentido num espaço determinado que o institucionaliza como um espaço de comunicação, entendo que a Internet, com sua linguagem própria, e eu falo aí de uma linguagem que “põe em relação sujeitos e sentidos” (e que transgride o representável sistema da língua), cria um paradigma outro para pensarmos a língua no que diz respeito ao seu movimento histórico, social, cultural. Histórico porque temos aí implicada toda a questão do surgimento e expansão da Internet; social porque com esse surgimento há um movimento social e urbano que desemboca na cibercultura, ligada às tribos e suas linguagens específicas. (DIAS, 2007, s/p.)

A internet traz a velocidade da propagação de informações, dentro dos ambientes virtuais como sua principal característica, ditando o ritmo em que um debate continua ou não em evidência. Nesse sentido Bauman (2010, p.40), considera que “no mundo² líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça [...]”. Aquilo que hoje se torna palco das atenções, amanhã poderá não mais atrair os holofotes dos sujeitos, passando a ser

² O conceito de modernidade líquida foi desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman e diz respeito a uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>. Acesso em: 29 nov. 2021.

visto como algo obsoleto, diante do “mundo volátil da modernidade líquida.” (ibid., 2010, p. 45).

A internet e seus desdobramentos e funcionalidades mais atuais viabilizam a modificação das fronteiras entre o real e o virtual, proporcionando outras relações entre o sujeito e a formação social. Kenski (2013, p. 50), diz que “o que ocorre nos mundos virtuais abrange também a vida *off-line*.” A duração dos memes virtuais nas redes sociais coaduna com o que foi apresentado por Bauman e Kenski, uma vez que a permanência ou não da circulação de determinado meme está atrelada às relações de interesse despertadas no sujeito, e pela força de circulação garantida pelos algoritmos, atravessando o ambiente digital e ancorando-se nos efeitos de sentidos provocados do mundo real.

O espaço digital, enquanto ambiente socializador, agrega múltiplas possibilidades de comunicação, interpelação e interpretações, conduzindo a sociedade, ainda que por tempo praticamente determinado, a questionamentos relevantes, pois “nesse novo espaço das redes surge outra forma de vivência, culturalmente diferente, em que todos participam ativamente e opinam sobre definições e decisões globais.” (KENSKI, 2013, p.47). Além disso, conforme a autora,

A velocidade com que ocorrem as transformações na atualidade e todas as possibilidades tecnológicas comunicacionais existentes nos levam à necessidade de compreender e interpretar a realidade alterada em que vivemos. (KENSKI, 2013, p. 27).

No ambiente virtual, mais especificamente nas redes sociais, em detrimento desse movimento contínuo e volátil, é preciso considerar as práticas de linguagem que vêm surgindo, levando o sujeito a ser interpelado e, conseqüentemente, refletir acerca das problemáticas que nascem no mundo *on-line*, “onde apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes” (ORLANDI, 2020, p.10) e migram para o mundo *off-line*.

Os discursos que circulam nas redes sociais, dos quais muitos deles se materializam no meme, emergem das inquietações do sujeito, diante das mazelas que, por vezes, se instalam na sociedade em que vivem. Nessa perspectiva, sob a luz da AD, considera-se que é preciso

problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. (ORLANDI, 2020, p. 09).

Há diferentes maneiras de estudar a linguagem, principalmente porque ela se ajusta a épocas, situações, tendências diferentes, ou seja, às condições de produção de determinada época. Sendo assim, é possível estudá-la utilizando-se da Gramática normativa, por exemplo, com o intuito de enfatizar as normas do bem dizer, ou através da Linguística, com seu sistema de regras formais. A Análise do Discurso, no entanto, interessou-se, como o próprio nome já diz, pelo discurso, em que há a ideia de movimento na prática da linguagem que permite ao homem (re)significar suas práticas, como evidenciado por Orlandi:

Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2020, p.15).

Neste trabalho, a produção e circulação de memes nas redes sociais, que tragam como tema o sujeito na posição professor, serão analisadas, sob o viés da AD, levando em conta os efeitos de sentidos que podem ser produzidos, mediante as suas condições de produção. Nessa perspectiva, Orlandi ratifica que

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto partes de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (2020, pp. 15-16).

A Análise de Discurso assume o texto como produtor de sentidos. “O texto, em análise do discurso, está totalmente atravessado pelo interdiscurso. [...] faz uma abordagem totalmente interpretativa do sentido, não obedecendo a nenhum modelo prévio.” (INDURSKY, 2010, p. 72). Há uma ligação direta com a historicidade, responsável por colocar em questão a trama de sentidos que nele são formulados pelo sujeito, distinguindo-se, assim, da história externa do texto. Historicidade e história externa estão ligadas, no sentido da produção do texto, mas não configuram uma relação de causa e efeito. Orlandi, sobre texto, escreve que

O texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer). (ORLANDI, 2007, p. 54).

Para a AD, os textos não são meramente conteúdos, eles são discursos em que sua materialidade mantém relação com a exterioridade. Assim, de acordo com Orlandi (2020, p. 68), “o texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise. Unidade que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação.”

Ainda de acordo com Orlandi (2020), o entendimento de texto se dá através da sua unidade linguística-histórica, que materializa a memória da língua. Compreender o texto enquanto objeto linguístico-histórico elucida o entendimento de como ele funciona, como produz efeito de sentido e como realiza a discursividade que o constitui.

O sujeito, ao produzir o texto, imprime, a todo tempo, sua subjetividade, a qual está sujeita aos diversos atravessamentos ideológicos que fornecem as condições para que o sujeito se filie a uma ou mais formações discursivas em seu dizer, uma vez que “um sujeito não produz só um discurso; um discurso não é igual a um texto.” (ORLANDI, 2020, p. 71). Além disso, o texto é afetado pelas condições de produção. Nesse sentido Indursky (2010, p. 68), sob à luz da AD, vai considerar que “as condições de produção consistem, em primeiro lugar, ultrapassar os elementos internos ao texto propriamente dito.”

As palavras mudam de sentido de acordo com quem está falando, quem está ouvindo e de onde estão sendo ditas. A Formação Discursiva (FD), resulta das posições ideológicas do sujeito, o qual coloca em jogo o processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. A FD é considerada básica na AD, uma vez que permite a compreensão da produção dos sentidos e sua relação com a ideologia. Trazendo uma definição, é possível dizer que “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2020, p. 43). Ainda definindo a FD, segundo Pechêux (1988), conforme citado por Gallo (1992, p.23), denomina de:

Formação discursiva F.D. aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classe, determina o que pode e deve ser dito (...) isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da F.D. na qual são produzidas: (...) diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas FDs que representam na “língua” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Como visto nas definições acima, as palavras recebem sentidos de acordo com a posição ideológica do sujeito, dessa forma, pode depreender que “os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas.” (ORLANDI, 2020, p. 44). As FDs estão em constante processo de configuração e reconfiguração, visto que são heterogêneas, trazendo o confronto das palavras que se revestem de um ou mais sentidos, mediante as diversas posições que o sujeito pode ocupar dentro do contexto ideológico ao qual pertence.

À luz da AD, a língua não é considerada como totalmente “fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos”, mas uma “condição de possibilidade do discurso”, afirma (ORLANDI, 2020, p.22). Já a linguagem não é vista como transparente, de modo que não é possível atravessá-la na tentativa de achar um sentido do outro lado. Há um movimento constante de sentidos, nos fazendo compreender que

É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. (ORLANDI, 2020, p. 37)

O sujeito, assim denominado pela AD, ocupa uma posição da qual enuncia, que lhe dá condições de representação de acordo com a posição que assume na sociedade, determinando o que ele pode ou não dizer a partir dali. De acordo com as observações de Orlandi,

atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (2020, pp. 48-49).

Interpelado pela ideologia, o sujeito estabelece uma relação entre linguagem e mundo, sendo obrigado a fazer interpretações acerca do dito. O sujeito, em seu dispositivo ideológico, coloca-se à disposição dos sentidos. Esses aspectos inscrevem a tarefa do analista. Segundo Orlandi,

A Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. (2020, p. 59).

Ainda sobre o entrelaçamento entre sujeito e ideologia, Orlandi (2020) considera que a linguagem, os sentidos e os sujeitos não são transparentes. A língua, a história e a ideologia constituem processos conjuntamente. A ideologia, portanto, é o efeito da relação necessária envolvendo o sujeito, a língua e a história para que seja produzido sentido. Vale registrar a abordagem de Gallo a respeito da ideologia. Ela diz que

No caso de uma ideologia determinando uma prática, há uma remissão necessária à história concreta, que torna tal prática possível. Assim, a materialidade histórica e a formação ideológica seriam contemporâneas necessariamente. Quanto à ideologia em geral, seria uma noção “ahistórica”, que se traduziria no funcionamento de um todo complexo (cruzamento de diferentes formações ideológicas) com dominante. (GALLO, 1992, p.22)

Acerca da autoria e função-autor, de acordo com Indursky (2010, p. 71), “na análise do discurso é mobilizado um sujeito social que se inscreve em um lugar ideológico e, a partir dele, exerce a função-autor.” Existe uma ligação entre sujeito e autor, mas é preciso saber que a relação do sujeito com o texto é a da dispersão, enquanto a autoria se ocupa da disciplina, organização, unidade. Ao ser interpelado pela ideologia, o indivíduo constitui-se como sujeito, ao passo que o autor é representação de unidade, delimitação do sujeito. Nesse sentido, Orlandi (2020, p. 74), destaca que “a função-autor, que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas que são o locutor e o enunciador.”

Para a abertura deste capítulo alguns conceitos e considerações foram explicitados. Nas próximas seções abordarei sobre o texto, a autoria, a leitura e a interpretação de forma mais específica, além de trazer outros teóricos para as discussões.

2.1 Texto na perspectiva discursiva

O texto não se define pela sua extensão, ele é a representatividade da historicidade da língua, tendo em vista que “todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos (imagem, som, grafia, etc.); quanto à natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição, etc.); quanto às posições do sujeito.” (ORLANDI, 2021, p. 70). Vale ressaltar que o texto

é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. Mas é também, e sobretudo, espaço significante: lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de

funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação. (ORLANDI, 2020, p. 72).

Desse modo, a AD utiliza-se do texto como unidade intermediária que lhe permite ter acesso ao discurso. Indursky (2010), afirma que o texto não é um espaço discursivo fechado em si mesmo, pois, ao ser produzido, estabelece relações não apenas com o contexto, mas com outros textos e outros discursos, permitindo, ainda, lançar mão de outros fatores na constituição da sua produção, tais como: relações contextuais, relações textuais, relações intertextuais e relações interdiscursivas. Sob a perspectiva da autora, é salutar dizer que

A análise do discurso alcança o sentido de um texto quando o relaciona às suas condições de produção, o que o remete à exterioridade. E o sentido, neste quadro teórico, está ancorado às relações que o texto estabelece com a(s) formação(ões) discursiva(s) que o afetam. (INDURSKY 2010, p. 72).

Sendo assim, “o sentido não pertence, de direito, nem ao texto nem ao sujeito que o produziu, mas é resultado da relação entre os sujeitos históricos envolvidos em sua produção/interpretação”, de acordo com (INDURSKY 2010, p. 70).

Tomando o texto como categoria de reflexão, Indursky (2010, p. 74) fez um estudo buscando compreendê-lo. Para tanto, selecionou e apoiou-se em quatro perspectivas teóricas, a saber: Linguística Textual - segundo suas observações, o contexto é o co-texto, que é da ordem do linguístico; Teoria da Enunciação - o contexto linguístico é associado ao contexto situacional; Teoria semiótica - de acordo com seus estudos, o contexto restringe-se ao próprio texto. A autora pôde constatar ainda que, diante de certas situações, a semiótica mobiliza saberes da Teoria da Enunciação, entre eles, sua noção de contexto situacional; Análise do Discurso, que considera o contexto sócio-histórico como constitutivo do texto.

O estudo feito por Indursky apresenta pontos elementares para a compreensão do objeto em observação, o texto. Através dele é possível entender que existem peculiaridades nas diferentes teorias quando se trata do estudo do texto, no âmbito dos estudos da linguagem. Essa reconstituição da trajetória dos estudos textuais é significativa, uma vez que é imprescindível ao profissional da educação filiar-se a uma corrente teórica, buscando aperfeiçoar sua práxis pedagógica. Nesse sentido, o que será posto em evidência neste trabalho é o texto na perspectiva da AD. Por esse motivo, apresentarei a seguir uma adaptação do quadro-síntese elaborado pela autora, deixando mais claro a compreensão da categoria texto, à luz da AD.

Quadro 1 – Pontos referentes ao texto

Texto	*Unidade significativa *Objeto não-acabado, aberto à exterioridade *Relações com a intertextualidade e a interdiscursividade * Objeto heterogêneo
Trabalho dos sentidos no texto	* Textuais * Contextuais * Intertextuais * Interdiscursivos
Sócio-histórico	* Posição-sujeito inscrito em uma FD (sujeito atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia) * Funções enunciativas do sujeito: função-autor, efeito-autor, autoria
Sentido intervalar	efeito de sentido entre o sujeito-autor e o sujeito-leitor mediado pelo texto
Texto:	a materialidade do discurso

Fonte: Indursky (2010, p.75) – Adaptação da autora

Ancorado no que foi exposto acerca do texto é possível pensar o trabalho com a materialidade meme, nas aulas de Língua Portuguesa (LP), visto que a perspectiva discursiva possibilita pensar o imbricamento e funcionamento dessa modalidade textual, uma vez que o meme, em sua constituição, produz efeitos de sentidos que emanam do interdiscurso, da intertextualidade, das funções enunciativas do sujeito, do contexto sócio-histórico, das condições de produção, entre outros. Além desses aspectos, essa materialidade mobiliza o trabalho com o não-verbal, que é menos explorado pelo/no espaço escolar e nos permite refletir acerca dos efeitos de sentido que se instauram no ambiente digital com sua circulação.

2.2 Autoria

O sujeito-autor se constitui como sujeito à medida que passa a se identificar com as representações trazidas do interdiscurso, provocando sentidos de acordo com a FD a qual se identifica. Desse modo, o sujeito-autor passa a estabelecer uma ligação entre os diferentes textos, as diferentes formações discursivas e diferentes posições-sujeito. Para Indursky, o texto

Só pode ser pensado como um *espaço discursivo heterogêneo e simbolicamente fechado* pelo trabalho discursivo do sujeito-autor: ao costurar e organizar os recortes heterogêneos, dispersos e provenientes de diferentes

cadeias discursivas, é produzida a *textualização* desses elementos, a qual é responsável pelo *efeito de apagamento* das marcas de sua procedência, de sua exterioridade/heterogeneidade/dispersão. Ou seja: ao se constituir, o texto surge como origem. Este é seu efeito e este efeito resulta da ilusão necessária e indispensável que tem o sujeito-autor de se perceber como origem do texto. (INDURSKY 2010, p. 72 – grifos da autora)

Como foi visto, o sujeito-autor assume a responsabilidade em seu discurso pelo que diz e como diz, provocando efeitos de sentido diversos, e constitui-se à medida em que comparece no texto, através das interpelações trazidas por seu contexto histórico, sua condição de produção e pela identificação com as FDs.

O mesmo sujeito que se ocupa da leitura e interpreta discursos outros, também assume a posição autor e, nesse processo recorre à sua memória, pois “não basta falar para ser autor. A assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social.” (ORLANDI, 2020, p. 76). Dando continuidade, a autora ratifica que

Como autor, o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, ele também se remete a sua interioridade, construindo desse modo sua identidade como autor. Trabalhando a articulação interioridade/exterioridade, ele “aprende” a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. (ORLANDI, 2020, p. 76).

Compreendo, ao propor o uso do meme nas aulas de LP, essa inserção como requisito importante para auxiliar os alunos no processo de autoria dos seus textos. Como foi dito por Orlandi, para constituir-se como autor é preciso que o sujeito busque sua identidade e, para tanto, ele deve posicionar-se no seu contexto sócio-histórico. Assumindo esse posicionamento, posso ter sujeitos mais críticos, reflexivos e participando ativamente dos problemas que pairam sobre a sociedade em que vivem. “A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade.” (FOUCAULT, 2009, p. 274).

Gallo (2012, p. 60), em seu texto “Novas fronteiras para a autoria”, traz questionamentos acerca dos discursos que veiculam nos espaços digitais. Ela afirma que nas novas mídias, nos espaços discursivos “próprios da internet” (como por exemplo *Facebook*, *Wikipédia*, *Twitter* etc.), não são identificados o Discurso de Escrita (DE) e o Discurso de Oralidade (DO), separadamente, mas sim uma discursividade a qual ela denomina provisoriamente de “escritorialidade.” Sobre a escolha do termo ‘escritorialidade’, a autora diz ser

Porque o sentido é fechado, mas ao mesmo tempo é provisório; ele é publicado, mas ao mesmo tempo ele desaparece, de um momento para o

outro; é legítimo, mas não é legítimo para todos, mas para um certo leitor (quem aqui não publica suas coisas no *facebook*, e não tem um leitor?). [...]. Então nós nos posicionamos como autores, com uma certa provisoriade, porque também essas publicações não duram muito (cada *post* do *facebook*, por exemplo, fica visível durante poucas horas). Esse discurso tem o efeito-autor porque é possível compreender o que está ali, mesmo sem o contexto de enunciação específico de cada enunciado. Nós temos aí um discurso de escrita, ao mesmo tempo com as características da oralidade, sem as exigências do discurso de escrita, mas ao mesmo tempo com os benefícios do discurso de escrita. (GALLO, 2012, p. 60 – grifos da autora).

As considerações sobre escrita e autoria no contexto do mundo digital, apresentadas por Gallo, acabam reforçando a ideia central deste trabalho, que é versar sobre a inserção do meme nas aulas de LP, por entender que a internet oferta um novo ambiente de escrita, no qual o sujeito tem a possibilidade de assumir a posição de autor, provocando discussões que permeiam diversas áreas. Como exemplo dessa liberdade de autoria, posso citar os sujeitos que se apropriam das redes sociais, utilizando-se do meme, para fazer uma escrita do sujeito-professor, colocando a prática docente em discussão.

Sobre o que é veiculado no campo digital, a autora ratifica que “são materiais que têm seus sentidos abertos e fechados; legitimados para todo e qualquer leitor, e ao mesmo tempo, somente para alguns; são publicados de forma definitiva, mas ao mesmo tempo, fugaz.” (GALLO, 2012, p. 60). Ao publicar memes retratando a vida profissional do professor, trazendo um posicionamento crítico/irônico, o seu idealizador acaba ratificando o que a autora diz, no sentido de que pode haver uma viralização, colocando o assunto em evidência, sendo mobilizado, assim, por outras mídias, podendo alcançar, ou não, o público desejado. No entanto, com o passar do tempo – breve tempo – perde notoriedade, pois “as enormes quantidades de informação competindo por atenção” (BAUMAN, 2010, p.57), darão espaço para outros debates, o que não significa dizer que, enquanto esteve na rede, o meme em questão não cumpriu seu propósito.

A autoria requer leituras e esse imbricamento nos leva ao gesto de interpretar os discursos produzidos. Nos anos 1960 surge um movimento de reflexão envolvendo leitura/ interpretação, a fim de compreendê-las do ponto de vista científico. Para que haja esse entendimento, tornou-se necessária a compreensão do que seria o gesto de leitura, ou seja, o que é possível depreender sobre ler, em uma conjuntura teórica. Nesse contexto, atribui-se sentidos à leitura, tornando-a alvo “para a formação de um novo espaço disciplinar particular no conjunto das disciplinas praticadas no domínio

das ciências humanas e sociais” (ORLANDI, 2007, p. 40). Dando continuidade à abordagem da autora, ela considera que “este espaço antecipa a necessidade e a localização da análise de discurso, na confluência do que não é da linguística e do que não é específico às ciências das formações sociais, embora na necessidade de sua inter-relação.” (ibid., p. 40).

Dando seguimento à discussão, a autora enfatiza que reflexões emanadas do núcleo do estruturalismo, por uma parte dos autores, tratam do esclarecimento relacionado à natureza da leitura. Esses autores, ao colocarem em suspenso a noção de leitura, acabam provocando um deslocamento não só em relação aos paradigmas científicos, mas também em relação a sua filiação teórica. Vejam alguns desses autores, citados por Orlandi (2017, p. 41): Althusser, na retomada de Marx, ou Lacan, na leitura de Freud, mostram que a “leitura” é na realidade a construção de um dispositivo teórico (uma teoria) que tem como efeito aprofundar, radicalizar – numa postura que separa revisionistas e não-revisionistas – o dito no texto re-significado (interpretado); em Barthes, a leitura aparece fundamentalmente como uma (re)escrita; e em Foucault, a leitura é a arqueologia (passagem do documento a monumento).

Como pude observar, diante do exposto pelos autores citados acima, a leitura é recolocada em questão, especialmente pela compreensão da sua não-transparência, impulsionando uma movimentação da ciência, no sentido de pensar a leitura como aparato teórico, levando-a a uma re-significação. O posicionamento entre diversos autores acerca do que pode ser apreendido sobre a leitura mostra que essa intertextualidade aparece como fator importante para a movimentação/constituição da ciência. A AD surge, então, como disciplina da interpretação, diante desse movimento que coloca em suspenso a noção de leitura, provocando deslocamentos em relação aos paradigmas científicos, passando a assumir a leitura não como um aglomerado de informações que têm interpretações acabadas e sim como discurso que produz efeitos de sentidos entre interlocutores em determinadas condições de produção.

A fim de embasar ainda mais o debate acerca da leitura sob o viés da AD, trago Cazarin para essa discussão por aceder com o posicionamento da autora que, em um dos seus trabalhos, realiza a análise de um texto de natureza midiática, procurando

Evidenciar a leitura como um processo de produção de sentidos; essa concepção requer o reconhecimento de que o sujeito-leitor, o sujeito-autor e os sentidos são historicamente determinados.

Requer também que se reconheça que ler é sempre um gesto de interpretação que se constitui no momento crítico de uma relação entre autor/texto/leitor. Este não reconhece sentidos, não preenche lacunas, e sim,

interpelado pela posição-sujeito que o afeta, instaura seu próprio trabalho discursivo, (des)construindo o texto lido e atribuindo sentidos que não necessariamente são aqueles esperados pelo autor. (CAZARIN, 2006, p. 299).

A tríade autor/texto/leitor, como bem colocado pela autora, está entrelaçada proporcionando o gesto de interpretação. Não faz sentido, então, que a leitura continue sendo praticada nas escolas com a pretensão de dissecar o texto através de questionamentos como: O que o autor quis dizer? O que o autor estava pensando ao escrever esse texto? Qual a intenção do autor? Essas perguntas, e outras mais, na concepção da AD, não contribuem para a constituição do efeito de sentido, uma vez que para esses sentidos serem aflorados no sujeito-leitor é preciso que ele se filie a uma FD, já que o sujeito na AD é um sujeito inscrito na história.

Ler, escreve Cazarin,

constitui-se, assim, em uma prática social que mobiliza o interdiscurso, conduzindo o leitor, enquanto sujeito histórico, a inscrever-se em uma disputa de interpretações. Este desestabiliza sentidos já dados, daí o efeito de inconsistência de todo e qualquer texto, que se caracteriza como uma heterogeneidade provisoriamente estruturada. (2006, p. 302).

Ao fazer a leitura de um texto o sujeito-leitor analisa o contexto e trajetória social em que teve origem, além de mergulhar em suas memórias buscando o efeito de sentido. Nesse momento a interpretação feita pelo sujeito pode não convergir ao pensamento do autor no momento da sua escrita, havendo a possibilidade de (re)construção de sentidos, reatualização de saberes, deslocamento, deslizamento, porque “na prática da leitura, o sujeito-leitor vai ocupar uma posição-sujeito em relação àquela ocupada pelo sujeito-autor, identificando-se ou não com ele.” (ibid., p., 302).

Ao circular, um meme requer, tanto do escritor como do leitor, a vinculação do sujeito às redes da memória discursiva, o que nos leva a pensar essa materialidade como uma modalidade textual que leva o sujeito a múltiplas interpretações. A interpretação para a AD, assim como o texto, ocupa lugar de objeto de estudo. Na visão de Orlandi,

A noção de *interpretação* passa por ser transparente quando na realidade são muitas e diferentes suas definições. [...] embora ela seja mais relevante para as ciências da linguagem, ela está presente no exercício das ciências humanas, em particular, e de qualquer ciência, em geral. [...] A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos. (2007, p. 9 – grifo da autora)

A interpretação denota grande importância não apenas para a prática do analista da linguagem, mas também para a prática do cientista em geral. Sua magnitude a coloca como objeto de atenção e estudo, uma vez que não é possível continuar sendo vista como evidente, embora muitos teóricos ainda a concebiam como tal. Coadunando com a visão de que todo texto tem uma filiação ideológica que não necessariamente é a mesma do leitor, o meme surge, veiculado pelos meios digitais, proporcionando múltiplas interpretações, por esse sujeito (leitor) que está conectado com o mundo *on-line*, acerca de problemáticas que afetam a sociedade.

Diferentes linguagens, diferentes formas de linguagens, diferentes materialidades são mobilizadas de acordo com a condição de produção na qual o sujeito está inserido. Nesse caso, há as múltiplas linguagens do mundo digital, mas não posso, no entanto, desprezar o fato de que, muitas vezes, o que é colocado em suspenso no mundo *on-line* é decorrente da condição de produção do sujeito que também transita no mundo *off-line*. Nessa dinâmica de migração, determinadas inquietações que emergem da sociedade são discutidas no presencial, no dia a dia da vida profissional, e acabam viralizando no virtual, impulsionando, por exemplo, o uso do meme para falar sobre as angústias relativas à profissão que o sujeito-professor exerce.

Além de servir como aliado na propagação de questões socialmente vivas, ou seja, questões que são debatidas, mas jamais chegam a uma resolução, o meme, por apresentar possibilidades diversas de interpretações e ser constituído por múltiplas linguagens, pode e deve ser inserido como objeto de estudo nas aulas de LP. Trabalhar com memes implica na viabilização de contato com diferentes materialidades de linguagem, levando à compreensão de que os sentidos se constituem não somente através dos textos reconhecidos pela escola, mas também na diversidade das formas materiais, permitindo, conforme explica Santana (2019, p. 42), “perceber que a hegemonia da linguagem verbal não se sustenta, pois há sentidos que reclamam outras linguagens.” Nessa perspectiva, é possível afirmar que

Não há um sistema de signos só, mas muitos. Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita etc. A matéria significante – e/ou a sua percepção – afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele. (ORLANDI, 2007, p. 12).

Aquilo que é dito está passível de interpretações outras, que podem não estar de acordo com o que o sujeito buscou antecipar no momento da sua fala ou escrita. O ato de interpretação requer do sujeito a busca pela condição de produção em que ele está inserido. De acordo com as observações de Orlandi,

[...] O dispositivo da interpretação tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (2020, p. 59)

A AD não se sustenta na busca do sentido que está subentendido, “uma vez que os sentidos se naturalizam na língua” (GALLO, 2012, p. 54), tão pouco na ideia de sentido fechado, verdadeiro: ela se ocupa do sentido produzido a partir das relações históricas, linguísticas, sociais, ideológicas na construção do sujeito. Segundo Orlandi (2020, p. 59), “a ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo.” O gesto de interpretar tem relação íntima e constitutiva com o sujeito. O gesto de interpretar é constitutivo do sujeito. Por ter uma relação direta com o sujeito, é coerente que o ato de interpretar seja suscetível à quebra dos limites por parte do leitor. Nesse sentido,

A análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2020, p. 26).

Há, em muitos momentos, a concordância entre professores de que os alunos não conseguem interpretar o que leem, no entanto, é preciso atentar para o fato de que a escola, principalmente quando recorre ao LD em suas atividades propostas, limita o leque de possibilidades interpretativas, visto que ainda acata/privilegia respostas previstas pelos autores, deixando o leitor sem a liberdade de buscar em sua memória, sua história, mecanismos que favoreçam interpretações outras. Sem o auxílio necessário, o sujeito, no processo da leitura, depara-se com a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão.

Segundo Orlandi (2020, p. 26), “a inteligibilidade refere o sentido à língua”, para que o enunciado seja inteligível é preciso apenas saber o português, no entanto não

o torna interpretável, pois “a interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato.” (ibid., p. 26). Interpretar e chegar a uma compreensão perpassam por caminhos distintos, já que

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.” (ORLANDI, 2020, p. 26).

Buscando produzir novas práticas de leitura, a AD procura compreender como um objeto simbólico produz sentidos, abrindo espaço para uma leitura discursiva, passível de polissemia, investida de significância para e por sujeitos. O texto, quando organizado de maneira a ser possível explicitar os gestos de interpretação que relacionem sujeito e sentidos, acaba atraindo a atenção de professores e alunos, porque problematiza a interpretação, propiciando o surgimento de sentidos apagados. Não é a minha intenção fazer um discurso contrário ao uso do LD, tão pouco colocar em questão a conduta da escola, quando se trata dessa ferramenta de estudo. O que pretendo é chamar a atenção para o uso de textos que circulam fora do LD, como os textos que se constituem no ambiente virtual, a exemplo dos memes.

3 AS TECNOLOGIAS E O ESPAÇO DIGITAL DA PERSPECTIVA DISCURSIVA

3.1 O meme da perspectiva discursiva

O discurso, quando falamos de AD, é visto como uma construção social, uma vez que seu autor busca expressar sua visão acerca dos problemas que permeiam a sociedade em que vive e que só podem ser compreendidos quando considerado seu contexto histórico-social e suas condições de produção. Orlandi ratifica que

É preciso lembrar que todo discurso é um deslocamento na rede de filiações, mas este deslocamento é justamente deslocamento em relação a uma filiação (memória) que sustenta a possibilidade mesma de se produzir sentido. O movimento é o de, ao inscrever-se, deslocar. Cada acontecimento discursivo é inédito e o retorno da memória não é simples reprodução. No entanto, isto não significa, por si, que haja transformação do sentido (sentido “novo”), ruptura. A própria mudança, em análise de discurso, resulta de uma relação com o mesmo, já que a noção de repetição – empírica, formal e histórica – supõe o fechamento quanto a possibilidade de deslocamento, embora ambos sejam retorno, interpretação. (ORLANDI, 2007, pp. 92,93).

No contexto digital em que estamos vivendo, o discurso se materializa através de diversas manifestações da linguagem. A linguagem, como sistema de comunicação, sempre foi a base das interações e das relações humanas. Como um complexo mutável, sempre esteve propensa a transmutações sucedidas ao decorrer dos tempos. Com o advento da era digital, diversas práticas e realizações sociais vêm sofrendo constantes modificações, com isso a língua passa a ser mais dinâmica, versátil e flexível. Os ciberespaços passaram a abarcar, não apenas textos verbais, como também imagéticos, objetos em movimento, sons, cores, entre outros.

As diversas modalidades textuais e sua dinamicidade convergem à criação de gêneros característicos do ambiente virtual, especialmente nas redes sociais, tais como o *tweet*, o *gif* e o meme. Este último configura-se em criações dos próprios usuários que se aproveitam de uma fala, um gesto, uma dança que viralizou na mídia e associam a um texto onde, juntos, complementam-se e acabam fazendo críticas a diversos campos sociais - embora esse conjunto de linguagens venha carregado de um tom humorístico e irônico -, como saúde, educação, política, cultura, ou um assunto que seja importante para a sociedade e esteja sendo debatido. (GUERREIRO; SOARES, 2016).

Os processos comunicativos apresentam-se cada vez mais heterogêneos e instantâneos, ocasionando maior fluxo das interações e, conseqüentemente, dos discursos mediados pela interface midiática, discursos esses, carregados de produção de sentidos diversos. A profusão da cultura digital vem proporcionando, principalmente aos adolescentes, uma forma de (re)construir seus saberes/conhecimentos, esse movimento acaba reverberando na produção de textos.

Conforme Ribeiro (2017, p. 11), “Há uma nova dinâmica na produção e multiplicação do conhecimento em virtude da diversidade de representações semióticas e culturais que integram as produções discursivas que se apresentam na contemporaneidade”, dito isso, é salutar a compreensão de que a escola, principalmente através das aulas de LP, exerça o papel de difusora de um número variado de gêneros textuais que circulam em diferentes ambientes, desempenhando múltiplas finalidades comunicativas, a exemplo do meme. Mas, afinal, o que é um meme?

O Museu de Memes, vinculado ao curso de graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense, compreende o meme “como uma linguagem ou

um gênero comunicativo próprio do ambiente digital, e que costuma ser materializado na forma de uma imagem legendada, um vídeo viral, um bordão engraçado, ou uma animação extravagante.” Em virtude da grande circulação nas redes sociais, os memes são considerados por Carneiro (2020), como “uma materialidade discursiva midiática, porque publiciza informações sobre determinados temas e entretém um número de internautas diariamente, fazendo circular saberes e produzindo sentidos.”

Os memes são apontados pelo Museu de Memes como próprios do universo digital, vistos, geralmente, como efêmeros e grande parte da sua riqueza está expressa em sua característica intertextual. O meme vem se constituindo como um modo de circulação de discursos, veiculados nas comunidades digitais e, embora apresente um imbricamento com a linguagem do humor, consegue levantar questionamentos que provocam discussões calorosas na sociedade. “O humor tem seu lugar como fonte de crítica social” (DIAS; COELHO 2014, p. 248). Os conceitos e características até aqui revelados sobre a materialidade meme, contribuem para corroborar a perspectiva de que a escola não mais se constitui como única detentora do conhecimento e disseminadora de informações, portanto torna-se necessário “democratizar a produção de conteúdo e permitir que essas redes criem outros sentidos, discursos, e conseqüentemente ideologias” (DIAS, COELHO, 2014, p. 249). O meme pode e deve ser compreendido em sua discursividade, como materialidade significativa do discurso digital.

Para Santos (2019, p.37), o meme é “termo ressignificado da biologia pela historicidade digital, tem como características principais a imitação e a replicação.” Valendo-se do seu “funcionamento replicante” Dias; Coelho (2014), o meme proporciona a mediação entre os sujeitos e a sociedade, num processo de significar e significar-se produzindo sentidos, mediante o contexto histórico-social em que está inserido. É importante que a escola fique atenta às mudanças no que diz respeito ao modo comunicativo, principalmente nesse momento digital que estamos vivendo, “tendo em vista a variedade de textos multimodais e multissemióticos e da diversidade cultural comuns neste atual cenário” (RIBEIRO, 2017, p.12). Não faz sentido ignorar essas mudanças, é preciso acompanhá-las, até porque, com todo avanço tecnológico que se propagou nos diversos campos sociais, não acredito que haja brecha para retrocessos.

A palavra meme é um neologismo que, rapidamente, passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. Apesar de muito veiculado na contemporaneidade, o termo foi criado na era pré-digital e, desde então, vem fazendo história. Após muitas leituras acerca da origem do termo meme, resolvi fazer um recorte nas definições e breve história apresentada pelo #MUSEUdeMEMES. Veja no quadro a seguir:

Quadro 2 – O termo Meme

Surgiu em...	Citado pela primeira vez em 1976, o conceito de meme surgiu ainda muito antes da internet.
Criado por...	Richard Dawkins, biólogo, em seu livro “The Selfish Gene” (O gene egoísta). Dawkins utilizou a palavra, que é baseado no grego mimeme, fazendo um paralelo com o termo “gene”, responsável por transmitir as características genéticas dos indivíduos, e o meme para expressar a ideia de imitação e replicação cultural.
Viralizou...	Em fins da década de 1990, com a popularização da internet, algumas comunidades virtuais se apropriaram do termo, que passou então a ser compreendido como um conteúdo que circula pelas redes digitais.
O meme...	A resignificação da palavra meme motivou o crescimento dessa nova forma de cultura digital. Não há, entretanto, uma fórmula precisa para o surgimento dos memes e nem para a sua popularização, afinal, a espontaneidade é uma de suas principais características. Propondo conexões entre os mais diversos conteúdos, os memes são complexos informacionais que só significam em conjunto, ou seja, são contextuais, são um novo gênero midiático nativo da internet e compõem um nicho comunicativo inédito. Os memes exigem uma experiência de letramento completamente diferente do habitual, pois é preciso saber ler as referências culturais ali embutidas. Com temáticas que vão do entretenimento à política, essas novas publicações já servem de base para informação, mesmo que de forma superficial, permitindo que notícias circulem e alcancem novos públicos, proporcionando a disseminação de informações.

Fonte: #MUSEUdeMEMES – Adaptação da autora

O meme, como foi dito pelos conceitos aqui apresentados, constitui-se como gênero textual midiático, caracterizando-se por sua rápida replicação nas redes sociais, configurando uma nova maneira de constituição do sujeito no discurso digital, por ter a liberdade do uso de múltiplas linguagens na sua construção, proporcionar ao sujeito idealizador/leitor assumir posicionamentos outros dentro do contexto social/histórico/ideológico que se encontram, visto que, tanto a língua enquanto materialidade, quanto o meme, mantêm relação com a exterioridade, o que abre precedente para que os temas apresentados por seus idealizadores/autores, recorrem à memória, à história proporcionando discussões que despertam sentidos no leitor.

A materialidade meme para significar, promovendo sentidos, filia-se a determinadas FD, pois

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. [...] O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí, podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (ORLANDI, 2020, p.43).

Os memes que circulam nas redes sociais, a exemplo dos que retratam a vida do sujeito professor no cotidiano da sua profissão, requerem, tanto do leitor como do autor (idealizador), leituras outras para que haja entendimento daquilo que está sendo discursivizado. A seguir, apresento memes que falam da relação do sujeito professor com a sua profissão. Neles fica claro que a materialidade meme, em sua construção, dialoga com diferentes contextos.

Figura 1 -Quando eu digo que sou professor(a)



ifunny.co

As imagens construídas sobre o professor perante nossa formação social e perante a si mesmo é o tema desse meme, encontrado no *google*, quando digitei a frase: “meme sobre professor”. O autor do meme, ao escrever “Quando eu digo que sou professor(a)...”, levanta a discussão sobre a relação professor/sociedade e traz algumas respostas a partir das imagens utilizadas. A imagem da professora feliz, bem vestida, dando aula a alunos atenciosos é atribuída, através da frase “Meus pais me veem assim...”, ao pensamento que emana dos pais, pois, geralmente, eles acreditam no trabalho feito pelos filhos em sua profissão e se sentem realizados, com a sensação de dever cumprido. Em seguida, o autor vinculou a imagem de um professor aparentemente cansado e desmotivado, à frase “Os outros me veem assim...”, provocando reflexões acerca do empenho e desempenho desse profissional.

A imagem seguinte traz um professor escrevendo no quadro negro a palavra educação, ele parece desmotivado. O aluno está disperso e, para completar, o autor coloca a onomatopeia “blá, blá, blá” usada comumente como indicativo de que não há interesse em falar e/ou ouvir o que está sendo dito. Todos esses elementos vêm acompanhados da frase “Eu me vejo assim...”, enfatizando o que o próprio professor pensa da relação com a sua profissão, com os desencantos diante de diversos problemas enfrentados, que vão, por exemplo, desde a falta de interesse dos alunos pela educação formal, à desvalorização salarial do professor. Finalizando a composição desse meme, surge a imagem do palhaço Bozo (muito popular nos anos 1980) e a frase “Os alunos me veem assim”, produzindo como efeito de que o trabalho do professor não é levado a sério e que o professor é visto como piada para a comunidade estudantil. O meme em questão foi produzido unindo o verbal e não verbal, o que contribui para a produção desses sentidos.

Figura 2 – Deus está vendo

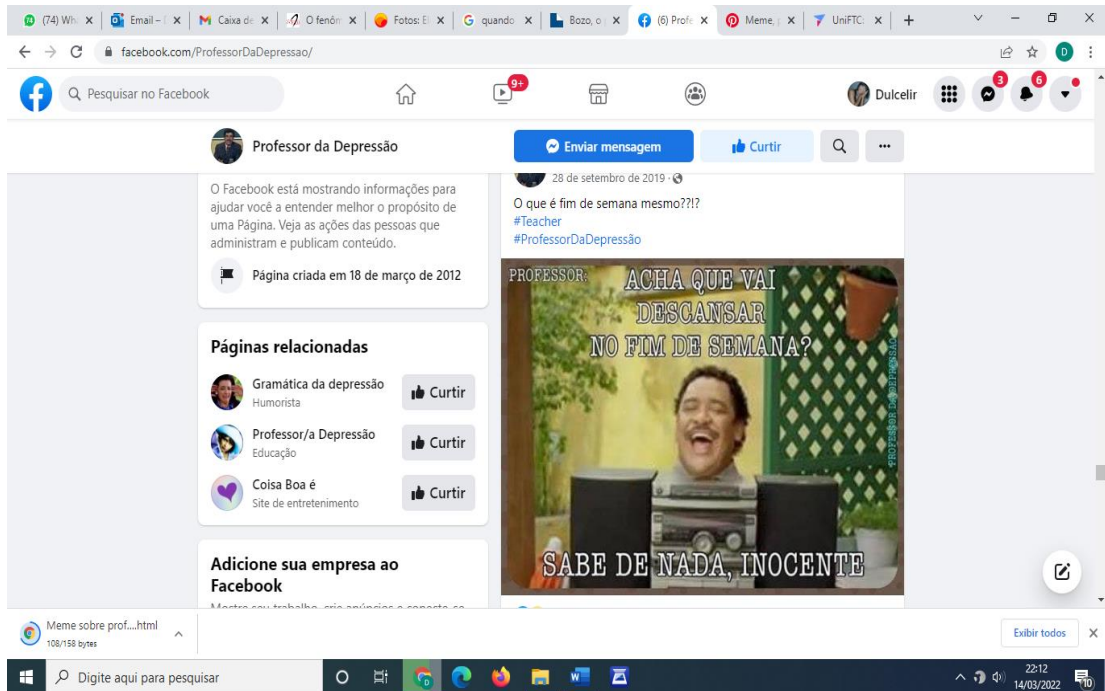


Fonte: *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/ProfessorDaDepressa>

Muitos professores reclamam da necessidade de trabalhar em casa, exaustivamente, para cumprir as demandas que lhes são atribuídas pela escola. Essa problemática é tratada no meme acima. Vejo uma professora elaborando seu plano de aula, à noite, em sua casa. Esse é um entre diversos problemas que são levados por professores para serem discutidos nas redes sociais, através do meme. Por não receber um salário que supra suas necessidades, boa parte dos professores acaba trabalhando em mais de uma instituição, acumulando trabalhos e, conseqüentemente, sofrendo pressão por parte da gestão escolar para que cumpra os prazos por eles estipulados. A página Professor da Depressão, encontrada após uma busca no *Facebook*, por indicação de uma professora, apresenta vários memes que levantam debates/reflexões acerca do sujeito-professor.

Com ironia e dotado de polissemia, efeitos de sentidos que lhes são peculiares, o meme traz para o centro das discussões assuntos de relevância para a sociedade, mas que, muitas vezes, não são tratados com visibilidade. Nesse contexto, acaba veiculando nas redes sociais, a exemplo do *Facebook*, *Instagram* e, muito frequentemente, grupos do *WhatsApp*, memes que trazem desabafos, críticas, indignação e deboche do cotidiano da sua vida profissional.

Figura 3 – Print: tela da página Professor da Depressão



Fonte: Print tela da página Professor da Depressão – facebook

O meme acima, encontrado na página do *Facebook* Professor da Depressão, debocha da situação desses profissionais que, por conta da alta demanda de trabalhos, não podem descansar no final de semana. A frase “Sabe de nada inocente”, produz o efeito humorístico e de sentido, porque está aliada à figura do músico Compadre Washington. É preciso, no entanto, que o leitor recorra à sua memória histórica para que entenda essa ligação. “Sabe de nada inocente” tornou-se bordão do músico no início da segunda década dos anos 2000 e foi bastante repetido pelos brasileiros, quando se queria ironizar determinadas situações.

A materialidade meme, em sua construção, trabalha a memória, o interdiscurso e o intradiscursos, como ficou evidenciado nos memes acima, tendo em vista que, para sua compreensão, o leitor e também o sujeito criador e replicador desses memes precisaram saber quem era o músico Compadre Washington, qual a relação com a frase “Sabe de nada inocente”, quem era o palhaço Bozo, bem como ter conhecimento das angústias do sujeito-professor.

O interdiscurso, nos diz Orlandi (2020, p.33), “é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” A autora dá continuidade a sua fala, ratificando que “há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscursos ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação” (ibid., p. 32). A autora diz ainda que “a

constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)” (ibid., p. 33).

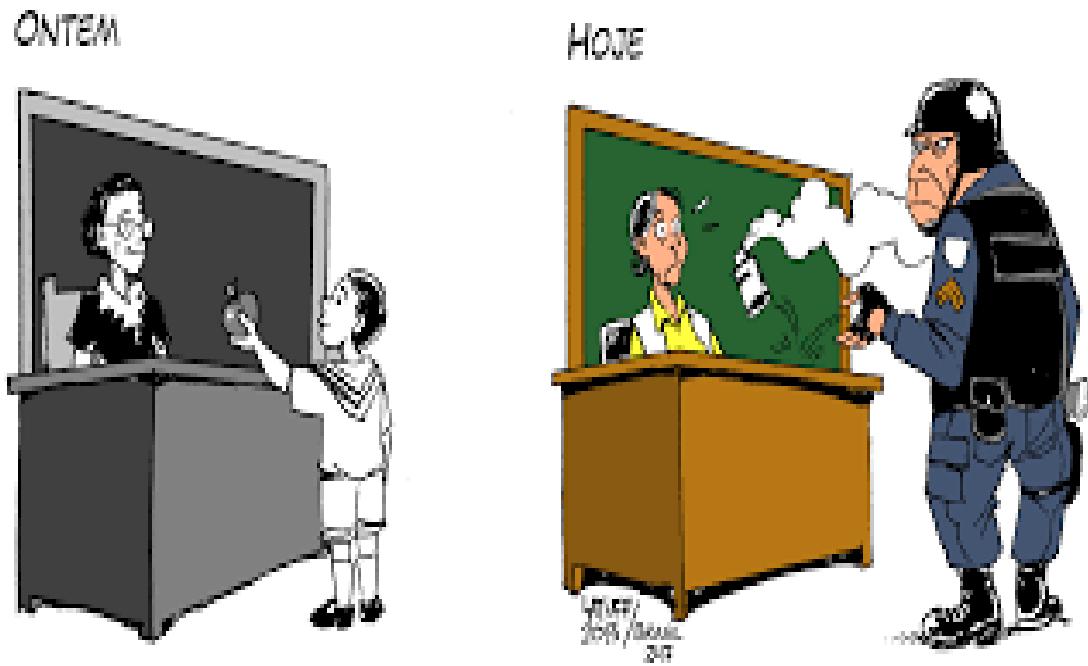
O meme, em sua discursividade, recorre à memória e ao contexto social-histórico para que possa promover sentidos. Até o momento falei apenas sobre a materialidade meme, e continuarei falando, no entanto senti a necessidade de expor rapidamente as semelhanças e as diferenças entre os gêneros textuais charge, cartum e meme, uma vez que os distinguir ainda causa dúvidas entre muitos leitores.

A charge (em desenho) é um gênero textual no qual o autor expressa sua visão dos fatos por meio de caricaturas para fazer críticas a assuntos de interesse da sociedade. Tem cunho político e social, envolve figuras públicas, é considerada efêmera porque está sempre se atualizando, é tida como gênero jornalístico, veiculando em jornais e revistas, pode vir com um ou mais personagens, podendo conter ou não legendas e balões de falas, usa linguagem verbal e não verbal. Faz uso do humor, sátira, ironia, inclusive usando o exagero para provocar risos, faz distorções da realidade, mas não tira a veracidade. O profissional que as desenha, chargista, precisa ter conhecimento dos assuntos em pauta para poder retratá-los e transmiti-los de forma objetiva, ou seja, é preciso lançar mão do contexto histórico.

A Charge animada possui as mesmas características de uma charge em desenho. Ela foi popularizada por meio das redes sociais e televisão. Nesse tipo é mais frequente o uso da linguagem verbal, por ser desenhos em movimentos e com sonoridade.

Ao contrário do meme, o autor da charge pode ser identificado, como é possível confirmar nas charges a seguir, encontradas quando digitei a frase: charges sobre professor.

Figura 4: Professor ontem e hoje



Fonte: Google.

Figura 5: Aumento dos professores



Fonte: Google (2022). Acesso em 20 out 2022.

O cartum é um gênero textual jornalístico que utiliza humor para levantar questionamentos sobre a sociedade. Em geral, são compostos apenas por um quadro em que a posição editorial do veículo de comunicação é exposta. Pode ser entendido por diversas pessoas, de diferentes países, diferentes culturas e em diferentes épocas. No cartum são abordados temas universais, como fome, sede, injustiça, morte, etc. E por ser tematicamente universal não necessita de contexto ou época para ser entendido. Normalmente são abordadas questões de comportamento humano, levando o leitor a uma reflexão. As personagens presentes nesse gênero remetem à coletividade, e não a uma personalidade ou figura pública específica, pois são atemporais. Além disso, usa características das histórias em quadrinhos, como balões e as onomatopeias, combinando linguagem verbal e não verbal. Abrange, hoje, praticamente todos os veículos de difusão da informação gráfica: jornais, revistas e a internet. Diferente do meme, o cartum tem seu autor identificado. O cartum de Alexandre Beck, que veremos a seguir, invoca uma reflexão atemporal sobre o papel da amizade.

Figura 6: Cartum



Fonte: Charge e cartum: o que são, diferenças e exemplos.

Figura 7: Cartum Matando a fome



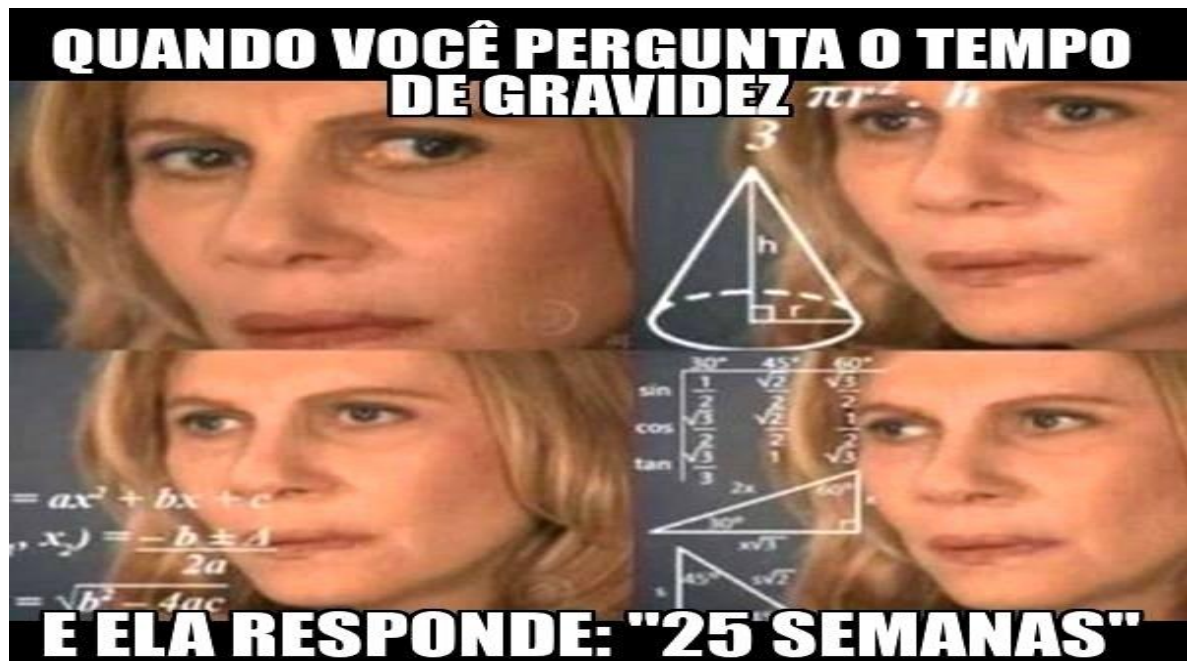
www.arionaurocartuns.com.br

Fonte: Arionauro cartuns

O gênero textual meme, por tudo que já li a respeito, é próprio da internet, faz uso do verbal e não verbal, alguns servem apenas para divertir, outros levantam críticas e discussões acerca de questões relacionadas ao coletivo social. O humor, o tom jocoso e irônico são características do meme, assim como a sua viralização nas redes sociais, ele é contemporâneo, pois está sempre se atualizando, de acordo com o contexto, mas também é efêmero, já que o que circula na internet hoje, amanhã já é considerado “antigo”. O dicionário popular diz que a expressão meme, na internet, é usada para se referir a qualquer informação que viralize, sendo copiada ou imitada na rede. Diz ainda que, geralmente esses memes são imagens, vídeos ou *gifs* de conteúdo engraçado, e que acabam se espalhando na internet por meio das redes sociais ou fóruns. Ainda segundo o dicionário popular, a palavra foi usada pelo biólogo evolucionista Richard Dawkins para descrever uma forma de propagação cultural. Assim como o gene tem a capacidade de repassar a informação genética de uma

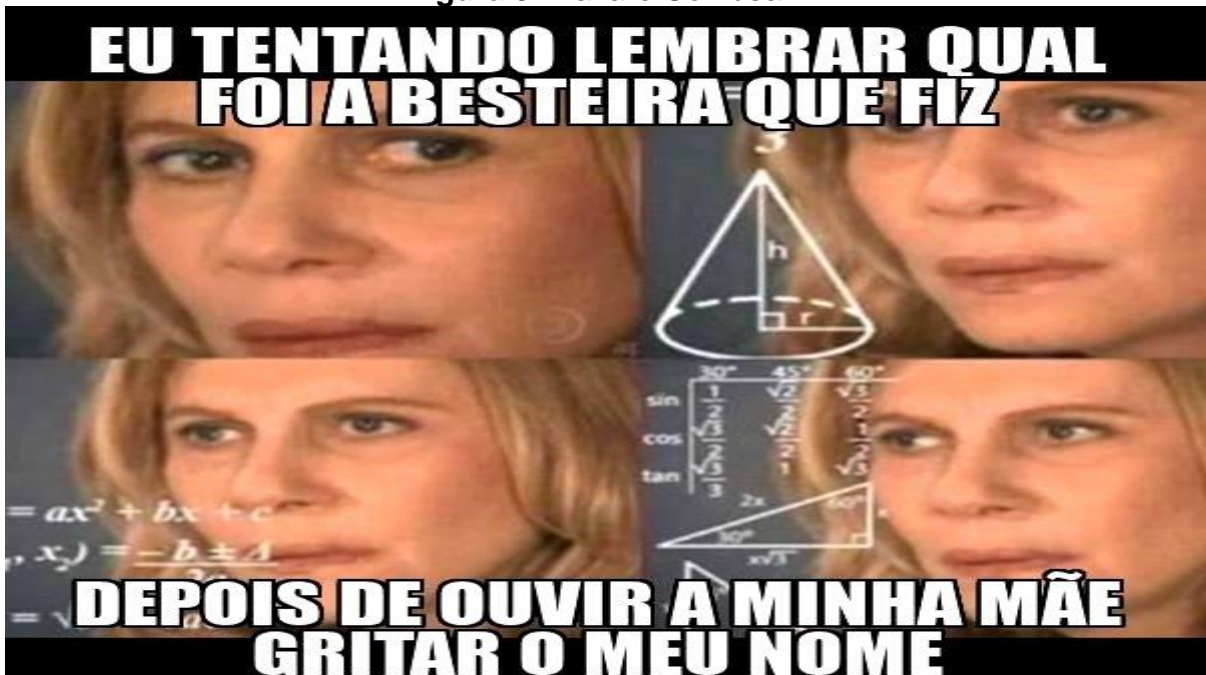
pessoa, o meme poderia se espalhar entre os indivíduos, propagando uma ideia ou comportamento. Segundo o dicionário popular, uma das principais características do meme é que ele pode ser adaptado ou modificado dependendo da situação, e por causa disso acaba viralizando com facilidade. Veja a seguir quatro variações do meme da “Nazaré Confusa” que foi adaptado para contextos diferentes apenas alterando seu texto.

Figura 8: Nazaré Confusa



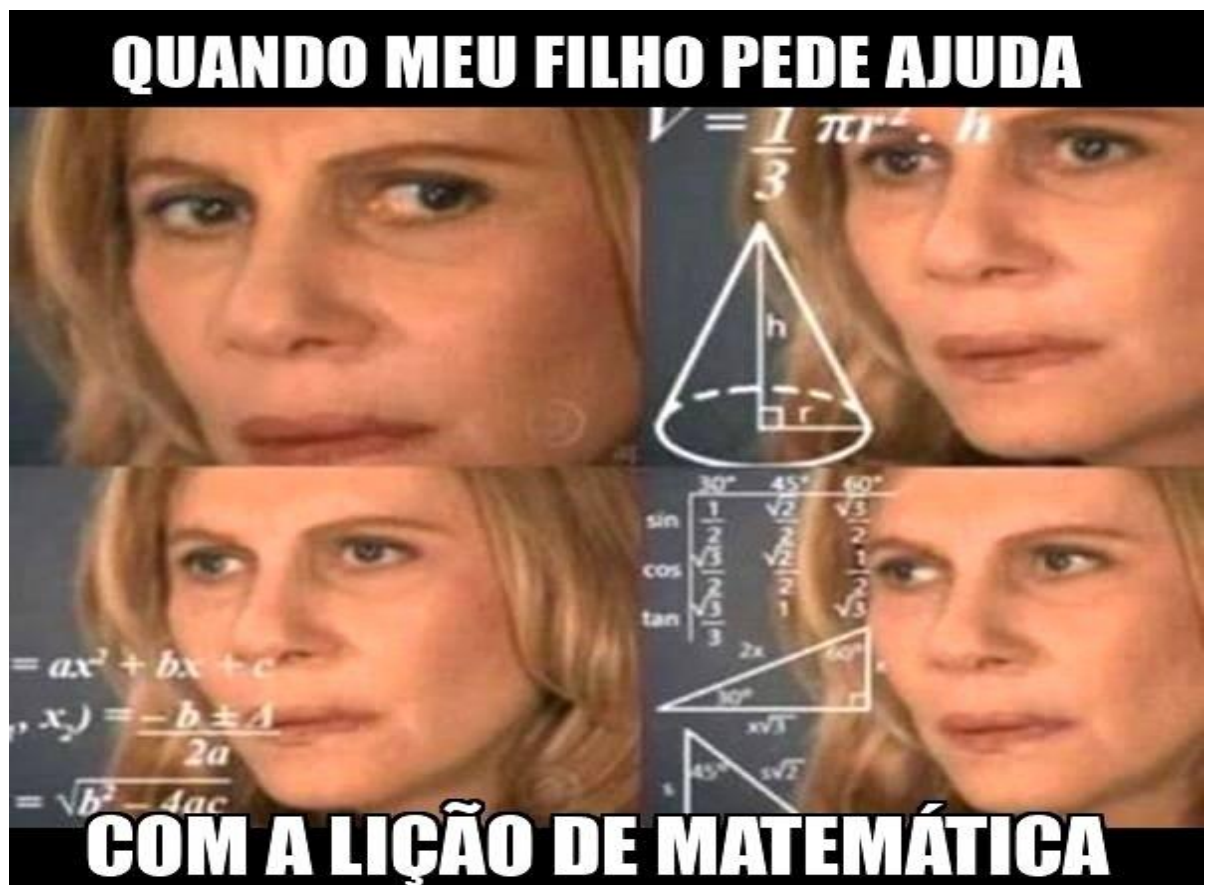
Fonte: Dicionário Popular. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/>. Acesso em: 21 out 2022.

Figura 9: Nazaré Confusa 2



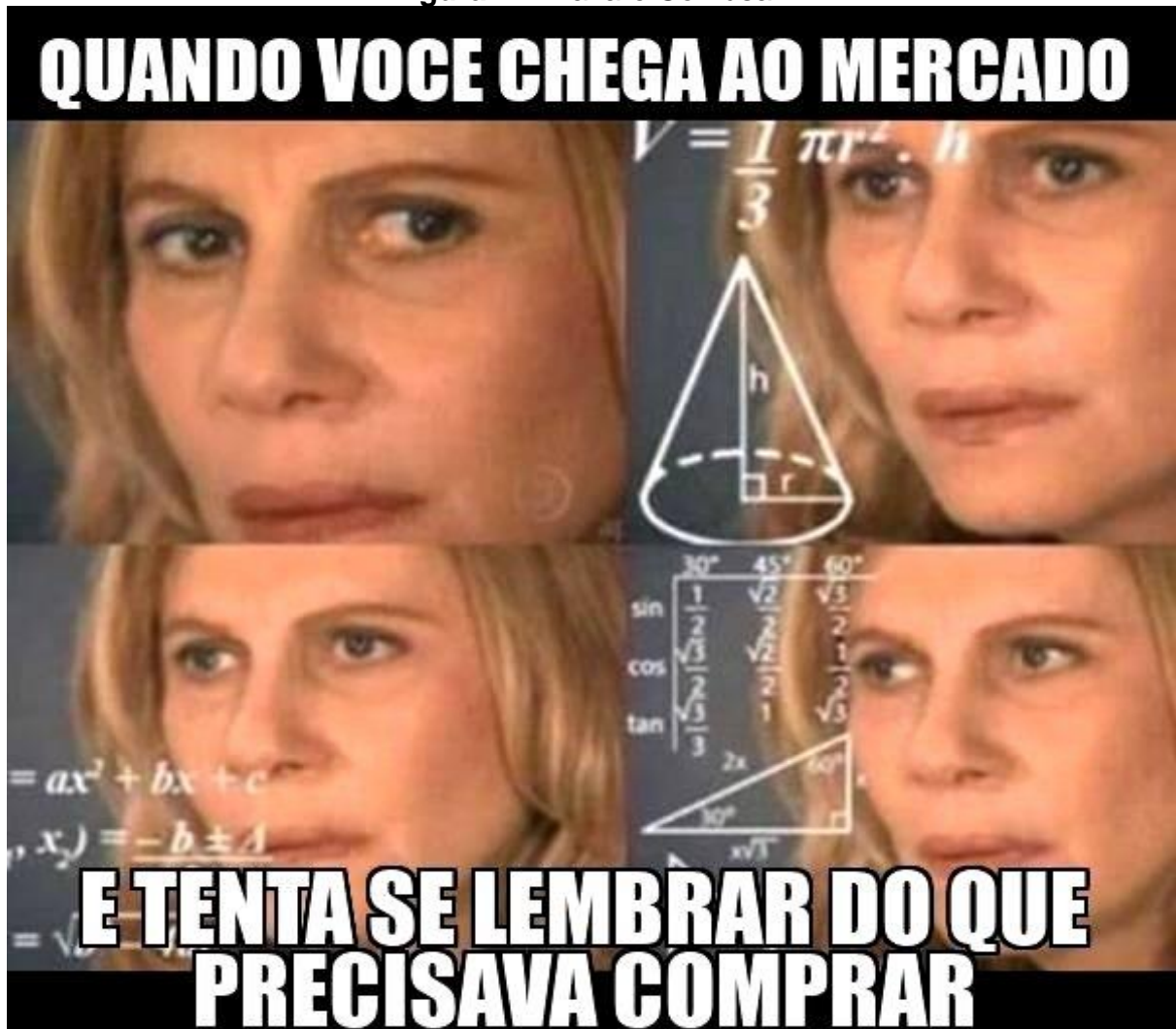
Fonte: Dicionário Popular. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/>. Acesso em: 21 out 2022.

Figura 10: Nazaré Confusa 3



Fonte: Dicionário Popular. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/>. Acesso em 21 out 2022.

Figura 11: Nazaré Confusa 4



Fonte: Dicionário Popular. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/>. Acesso em 21 out 2022.

Apresentados os conceitos e características dos gêneros textuais charge, cartum e meme, é fácil concluir que, de fato, existem muitas semelhanças entre eles, justificando a dificuldade que alguns leitores enfrentam em diferenciá-los. Na tentativa de elucidar quaisquer dúvidas que, porventura, você, leitor(a) desta dissertação, ainda tenha sobre a diferença entre esses gêneros, apresento a seguir um quadro que sintetiza as informações, facilitando o entendimento.

Quadro 3 – Síntese conceitual dos gêneros charge, cartum e meme

	Charge	Cartum	Meme
Definição	Críticas a acontecimentos recentes, envolvendo figuras públicas, texto jornalístico, veiculado em jornais e revistas.	Sátiras a questões sociais, de forma atemporal e universal, texto jornalístico, hoje abrange jornais, revistas e internet.	Discussão acerca de questões sociais, diversão, texto midiático veiculado nas redes sociais
Características	<ul style="list-style-type: none"> *Linguagem verbal e não verbal *Humor *Leitura crítica do cotidiano *Atual *Efêmero *Precisa de contextualização *Situações particulares *Personagens públicas 	<ul style="list-style-type: none"> *Linguagem verbal e não verbal *Humor *Leitura crítica da realidade *Atemporal *O contexto é a própria sociedade *Situações e questões coletivas 	<ul style="list-style-type: none"> *linguagem verbal e não verbal *humor Leitura crítica do cotidiano *Temporal *Efêmero *apresenta contextualização *Questões coletivas *Replicação veloz *Adaptação e modificação, dependendo da situação
Exemplos	<ul style="list-style-type: none"> *Críticas ao governo *Críticas a personalidades públicas *Visão crítica sobre uma notícia que despertou a atenção do público 	<ul style="list-style-type: none"> *Críticas à sociedade *Questionamento sobre o cotidiano 	<ul style="list-style-type: none"> *Questionamentos de interesse coletivo *Ironia relacionada a situações vividas pela sociedade *Diversão

Fonte: Charge e cartum: o que são diferenças, e exemplos (Adaptação da autora). Disponível em: <https://www.diferenca.com/charge-e-cartum/>. Acesso em: 21 out 2022.

Embora existam diferenças entre os gêneros, todos eles filiam-se a uma FD, todos levam o autor/leitor a recorrerem à memória, a leituras outras para que possam produzir sentido. Mesmo o gênero cartum, que é atemporal, se apoia em outros discursos para significar, porque tudo que é dito hoje, já foi dito em outro momento.

O dizer, escreve Orlandi,

Não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2020, p. 32).

O sujeito, muitas vezes, acredita que seu discurso é original, no entanto “apesar de o sujeito do dizer ter a ilusão de que o está dizendo pela primeira vez, ele está dizendo algo já dito em outro lugar, porque os discursos pré-existem e são por ele retomados sem que haja qualquer consciência disso” (CARNEIRO, 2020, [n.p0]).

3.2 Materialidade digital

Em seus estudos, Dias (2018, p. 20) aponta que “o digital tem se configurado como um campo de questões imprescindível às ciências e ao fazer científico”. Essa constatação motiva a autora a refletir acerca das transformações que o digital vem provocando nas discursividades em circulação. Dias ressalta ainda que essas mudanças trazem consequências que afetam a constituição do sujeito “e seus processos de subjetivação pelo digital, a saber, as formas históricas de assujeitamento na sociedade digital, mas também a construção do conhecimento em suas formas institucionais e políticas.” (ibid., 2018, p. 20).

A ascensão das tecnologias, que vem ocorrendo desde o final do século XX, vive seu apogeu nas primeiras décadas do século XXI. A cibercultura, por exemplo, atua como campo teórico, nos dando base para a compreensão da natureza da relação existente entre a teoria da informação e o discurso. Agora não mais se trata de uma simples interação nas redes sociais,

[...] o digital tem produzido um desdobramento em noções como memória e autoria, a própria linguagem, mas também sujeito e espaço. [...] a informação digital, tem se estabelecido, por meio das tecnologias digitais, como matéria-prima fundamental para as bases do mundo (do direito, da economia, da ciência, da geografia...) e das transformações que as tecnologias produzem nas formas de existência. (DIAS, 2018, p. 21).

Diante da expansão das tecnologias e da sua constante presença em nossas vidas, não podemos deixar de nos debruçarmos sobre os discursos digitais, os quais carregam a memória e contextos sócio-históricos em sua constituição, observando suas peculiaridades, considerando sua natureza teórica. “Em suma, é preciso compreender o processo discursivo da informação, uma vez que é ela também matéria significativa.” (ibid., 2018, p. 21).

O uso das tecnologias ganhou espaço no cotidiano das pessoas, protagonizando um discurso de inovação em diferentes campos. Na educação institucional ela vem proporcionando avanços e democratização do conhecimento. Não posso deixar, no entanto, de mencionar que, mesmo ocupando lugar de destaque na contemporaneidade, a tecnologia não coleciona apenas sucessos. Ainda assim, de acordo com Dias,

Se nos referirmos aos momentos de grande efervescência econômica e tecnológica, podemos dizer que a passagem ao século XXI trouxe grandes expectativas à humanidade de que uma nova era estava por vir. Uma nova era anunciada. Essas expectativas de uma transformação foram sendo produzidas ideologicamente pelo discurso do ápice do “avanço tecnológico” como superação das impossibilidades humanas. (DIAS, 2018, p. 25).

A nova era tecnológica traz, como uma de suas características, a liberdade do uso de múltiplas linguagens na construção do discurso digital, proporcionando aos sujeitos assumirem posicionamentos outros dentro do contexto social e histórico que se encontram. “Para tanto, é preciso compreender a exterioridade constitutiva do discurso digital, as relações e os meios de produção capitalista, os processos da constituição de sentidos e suas condições de produção, mas também a formulação e a circulação desse discurso.” (DIAS, 2018, p. 27).

As possibilidades múltiplas de diversificação da linguagem na internet, possibilita captar melhor o modo como o corpo se inscreve materialmente na língua. Pensando sob essa perspectiva, Dias formulou um conceito intitulado corpografia, levando em conta as tecnologias digitais e o uso do computador. A autora traz a assertiva de que

Esse conceito está pautado não na representação da língua, mas no simulacro da língua, pensando a escrita na Internet, e propõe em seus traços uma forma corpográfica do pensamento. Isso porque pretende descrever o modo como o corpo se inscreve materialmente na língua, pela composição do impossível do corpo e do impossível da língua. O impossível é, portanto, o lugar de encontro entre língua e corpo, no qual ancoo a concepção de corpografia, tomando a língua como simulacro do corpo e não apenas como representação do pensamento. (2008, p. 12).

A língua enquanto materialidade exerce relação com a exterioridade. Na perspectiva discursiva, “para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante” ORLANDI (2020, p. 47). O meme, nesse sentido, apresenta ligação com a exterioridade, tendo em vista que os temas apresentados por seus idealizadores

recorrem à memória, à história para que possam ser discutidos e tragam significação ao leitor.

Dias (2007, n.p), em seus diversos estudos e pesquisas, nos mostra que a internet vem construindo sua própria maneira de escrita. Para ela, “a língua em sua materialidade digital é outra.” Essa assertiva “desmonta” a estrutura convencional do estudo da língua nas escolas, de modo que não é mais aceitável a ideia de que devemos tomar apenas uma forma de escrita/língua como paradigma. Assim,

a língua formal é destituída do lugar de modelo para a escrita que se produz nesses espaços digitais, e isso ocorre em função de toda uma concepção de “Sociedade da Informação e da Comunicação”, atrelada a uma velocidade e a uma instantaneidade das relações, que se impõe a nós e que não podemos negligenciar quando se trata de pensarmos a língua/escrita em sua constituição material no espaço digital, em seu desequilíbrio [...] (ibid, 2007, n.p).

O imbricamento da língua, escrita, internet, redes sociais e velocidade, remete a “uma mudança importante na noção de língua e escritura, consequência do uso do computador e das redes de relacionamento construídas na Internet” (DIAS, 2008, p.11). Coaduno da assertiva da autora e, ancorada nos estudos que venho desenvolvendo, arrisco dizer que compreendo a internet como divisor de águas no sentido da inovação da escrita/língua/linguagem e a resistência do que já temos consolidado como ideal para ensino/aprendizagem da língua institucionalizada.

A profusão das tecnologias e, conseqüentemente, o uso frequente das redes sociais como difusor dos acontecimentos em diversos segmentos das nossas vidas, apontou a necessidade de uma linguagem célere. De acordo com Dias, “a velocidade do mundo vai produzir um deslocamento necessário na língua. Essa velocidade do mundo contemporâneo textualiza a própria velocidade do acontecimento na escrita.” (2007, n.p.) A economia na grafia das palavras, onde muitas vezes apenas uma letra é responsável por trazer sentido e significação, não deve ser vista como um retrocesso na linguagem, e sim “como uma linguagem que se faz numa velocidade tal que produz um clarão: o acontecimento, quando os corpos se encontram estilhaçando a língua e indefinindo o sujeito, o que não é o mesmo que indeterminá-lo.” (ibid, 2007, n.p).

Reflexões acerca de uma nova escrita que vem se estruturando no campo digital, trazidas por diversos teóricos, são respaldadas nos documentos oficiais que tratam da educação no Brasil, visto que os mesmos reforçam a importância da inserção de gêneros textuais, próprios do ambiente virtual, nas aulas de Língua

Portuguesa. Na seção seguinte, tratarei dessa relação das TIC e os documentos normativos do nosso sistema educacional.

4 DOCUMENTOS OFICIAIS: PCNs, BNCC e suas relações com as Tecnologias de Informação e Comunicação.

A educação é necessária em toda sociedade organizada, pois contribui para a formação dos cidadãos, de modo que tenham interesse e capacidade de refletir, interferir e promover a transformação do meio social em que vivem, buscando estabelecer o bem comum. No Brasil, a fim de melhor direcionar os trabalhos pedagógicos nas escolas públicas e particulares, alguns documentos normativos foram implantados nos últimos anos, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobre os quais falarei brevemente, não com a intenção de analisá-los profundamente, mas de compreender um pouco a sua estrutura, sua importância e, principalmente, observar se há amparo legal em requerer a presença do gênero textual meme nas aulas de LP.

Buscando uma educação que proporcione inclusão, socialização e capacidade de exercer a cidadania,

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 5).

Para iniciar a nossa conversa acerca dos PCNs é preciso salientar que tratarei especificamente da área de Língua Portuguesa, do ensino fundamental. Dito isso, é interessante que os objetivos do documento, voltados para o ensino fundamental, sejam apresentados, visto que, a partir desses objetivos, os trabalhos foram elaborados e apresentados à comunidade escolar, de forma que, para entender todas as partes integradoras dos PCNs, é salutar que eles sejam lidos e compreendidos. O quadro a seguir apresenta os objetivos dos PCNs, para o ensino fundamental.

Quadro 4 – Objetivos do Ensino Fundamental

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

<ul style="list-style-type: none"> • compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
<ul style="list-style-type: none"> • posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
<ul style="list-style-type: none"> • conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
<ul style="list-style-type: none"> • conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
<ul style="list-style-type: none"> • perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
<ul style="list-style-type: none"> • desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
<ul style="list-style-type: none"> • conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
<ul style="list-style-type: none"> • utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
<ul style="list-style-type: none"> • saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
<ul style="list-style-type: none"> • questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Fonte: Brasil (1998, pp. 7 e 8)

Ao fazer a leitura desses objetivos é possível ter a clareza de que os PCNs visam propiciar aos alunos uma educação pautada no fortalecimento do sentimento de cidadania, da inclusão e socialização, em um processo de ensino-aprendizagem no qual os estudantes são levados a participar ativamente das discussões e resoluções acerca das diferentes situações sociais que acontecem no ambiente em

que vivem. É a proposta de uma educação que valoriza e requer respeito à pluralidade cultural do país e à democratização do conhecimento.

O documento é estruturado em duas partes. A primeira trata da apresentação da área e da definição das linhas gerais da proposta, a importância, as características e a natureza da área são postas em evidência, e objetivos e conteúdos são propostos para o ensino fundamental. Alguns problemas recorrentes do ensino da língua são analisados, gerando um movimento de reorientação curricular. A criação dos PCNs acontece exatamente pela necessidade de mudança na educação, visto que a discussão em detrimento da reorganização do ensino fundamental no Brasil vem acontecendo desde a metade do século XX. Com o advento da industrialização e da urbanização crescente, surge uma nova realidade social, compreendendo a ampliação da utilização da escrita, expansão dos meios de comunicação eletrônicos, procura crescente de alunos pela escola regular, requerendo do sistema educacional uma reflexão acerca dos métodos e conteúdos utilizados. Métodos estes, apontados como responsáveis pela evasão e repetência, por serem tidos como tradicionais, o que os tornavam anacrônicos. Brasil (1998, p. 17).

Desde os anos 1970, o ensino de LP tem sido a base para as discussões que mobilizam a necessidade de melhoria da qualidade do ensino no país. Acreditou-se, nos anos 1960 e início dos anos 1970, que apenas mudar o método de ensino de LP, privilegiando a criatividade, sem muito considerar os conteúdos, seria o bastante para promover a eficácia da comunicação e expressão do aluno. Com foco maior na camada média da sociedade, ensinar LP pautada na perspectiva gramatical, naquele momento, ainda parecia adequado. Brasil (1998, p. 17). As discussões atravessaram essas décadas, porém

A nova crítica do ensino de Língua Portuguesa, no entanto, só se estabeleceria mais consistentemente no início dos anos 80, quando as pesquisas produzidas por uma linguística independente da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variação linguística e psicolinguística, entre outras, possibilitaram avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita. Este novo quadro permitiu a emergência de um corpo relativamente coeso de reflexões sobre a finalidade e os conteúdos do ensino de língua materna. BRASIL (1998, p. 17).

Entre as críticas mais frequentes que se faziam ao ensino tradicional destacavam-se:

Quadro 5 – Críticas ao ensino tradicional

• a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos;
• a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto;
• o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais;
• a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão;
• o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas;
• a apresentação de uma teoria gramatical inconsistente uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada.

Fonte: Brasil (1998, p.18)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) chegam como um referencial para uma educação de qualidade no ensino fundamental e serve para orientar a prática docente de professores de escolas públicas e particulares. A criação dos PCNs surgiu exatamente da necessidade de mudança na educação. Era preciso, então, garantir educação de qualidade. O primeiro passo para mudar essa realidade foi a criação da Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, onde a responsabilidade do poder público sobre a educação básica foi expandida e, logo no ano seguinte, vieram os PCNs.

A segunda parte é dedicada ao terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – então correspondente a 5ª a 8ª séries -, etapa na qual os alunos deveriam, preferencialmente, apresentar idade entre 11 a 15 anos, no entanto, por conta das diversidades sofridas, essa fase da educação passou a compreender também a adolescência e a juventude. Nessa segunda parte, são caracterizados o ensino e aprendizagem de LP, “definem-se objetivos e conteúdos, apresentam-se orientações didáticas, especificam-se relações existentes entre o ensino de LP e as tecnologias de informação, por fim, propõem-se critérios de avaliação.” (BRASIL, 1998, p. 13).

As tecnologias são abordadas nos PCNs de maneira sucinta, tendo o computador, o rádio e a TV como protagonistas na abordagem de múltiplas linguagens. O computador, especificamente falando, assume o papel de processador de texto, de facilitador de correção ortográfica, pois o entendimento é de que

Eliminar, alterar, deslocar palavras, expressões e trechos são tarefas que marcam as sucessivas rescrituras a que um texto é submetido até a versão final. Tais tarefas encontram maior flexibilidade com o uso dos processadores

de texto. Retirando de tais tarefas o peso das sucessivas refações, o usuário pode concentrar-se na produção mais elaborada do texto de maneira a atender a seus objetivos, sem o ônus de copiar inúmeras vezes as passagens que deseja manter. (BRASIL, 1998, p. 90).

O computador é visto como uma ferramenta, por permitir ao usuário a realização de atividades consideradas cansativas, repetitivas ou difíceis de executar sem o seu auxílio. Há um direcionamento para a utilização do computador, no entanto, esse direcionamento ainda está muito atrelado à escrita convencional, sem abertura para as múltiplas possibilidades de linguagens embutidas no espaço digital. A interação em rede é cogitada e aparece como aspecto interessante, visto que há uma possibilidade de textos produzidos serem compartilhados virtualmente, colegas estabelecerem conexão via rede, “ampliando as possibilidades de interlocução por meio da escrita e permitindo acesso *online* ao conhecimento enciclopédico acumulado pela humanidade” (BRASIL, 1998, p. 90). Nesse contexto, o uso das tecnologias nas aulas de LP é recomendado pelos PCNs, embora de forma tímida, quando falamos de linguagens, sem explorar a sua pluralidade, sendo, essa timidez, coerente com as condições de produção da época. Posso concluir, após leitura dos PCNs de LP que, mesmo sem detalhar habilidades, o uso de memes tem embasamento legal para comparecer nas aulas de LP, uma vez que esse gênero está contido no ambiente virtual, através das TIC.

O PCN é um documento indispensável não apenas para a práxis docente, mas também para a ação dos diretores e coordenadores, pois o mesmo apresenta objetivos e metas para a educação básica e, portanto, devem ser conhecidas e colocadas em prática por todos que fazem parte do processo educacional, além de ser adaptável às realidades locais, proporcionando ao discente usufruir de todo arcabouço de conhecimentos, independentemente do local/região do Brasil em que se encontra. O documento prima por uma educação contextualizada, evitando a compartimentalização do conhecimento, incentivando a visão crítica dos alunos e sua capacidade de aprender. Além disso, os Parâmetros surgem buscando servir de apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo de cada escola, à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento das aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos e, em especial, à contribuição para a formação e atualização profissional. Brasil (1998, p. 5).

Os PCNs deram início a uma reorganização curricular na educação brasileira, mas a proposta de uma educação ainda mais qualificada continuou sendo discutida, culminando em outro documento intitulado Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é apresentada à comunidade educacional como um documento normativo que traz direcionamentos à construção da aprendizagem para os alunos da Educação Básica. A BNCC é obrigatória e está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Plano Nacional da Educação. Os currículos das redes públicas e particulares devem tê-la como referencial, visto que

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (Brasil, 2016, p. 7)

O documento é fundamental para a organização do conteúdo curricular nas escolas, já que essa organização além de ter caráter obrigatório, deve ser pensada de maneira que todos os estudantes, independentemente da localização que se encontrem, possam ser beneficiados com os mesmos conteúdos, habilidades e competências consideradas essenciais para jovens e adultos. Além disso, a Base prevê a formação de professores, com intuito de promover a modernização nas suas práticas pedagógicas. O referido documento é pautado em dez competências gerais que os estudantes devem desenvolver, ao longo da Educação Básica, assegurando seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento no campo pedagógico. Competência, na BNCC, é definida como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.” (Brasil, 2016, p.8). Vejamos, no quadro a seguir, as competências gerais da BNCC:

Quadro 6 – Competências gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

<p>2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p>
<p>3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p>
<p>4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.</p>
<p>5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p>
<p>6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>
<p>7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta</p>
<p>8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.</p>
<p>9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.</p>
<p>10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.</p>

Fonte: Brasil (2016, pp. 9-10)

As competências que compõem o quadro da BNCC, instigam os estudantes a valorizarem as manifestações culturais, exercitarem a empatia, agirem pela coletividade, promoverem a ciência, desenvolverem consciência crítica, socioambiental e responsabilidade, dentre outras que foram nomeados como essenciais para o desenvolvimento pedagógico durante o período da educação básica. Todas elas são importantes, no entanto, o meu olhar faz um recorte especialmente sobre as competências 4 e 5, visto que estamos tratando da inserção

do meme nas aulas de LP, e essas competências trazem o uso das TICs no processo educacional como um dos pilares para aquisição do conhecimento ao longo da Educação Básica, e o meme está inserido no contexto das tecnologias, portanto totalmente passível de ser explorado nas aulas de LP.

Na competência 4, o estudante deve ser levado a utilizar diferentes linguagens, entre elas a digital, para que possam “se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.” (BRASIL, 2016, p.9). O uso das diferentes linguagens, aliado ao uso das tecnologias, licencia o docente que precisa conviver “na atualidade, com as múltiplas formas de interação e de articulação entre professores e alunos via ambientes virtuais” (KENSKI, 2013, p.14), como *facebook*, *instagram*, *WhatsApp* e tantos outros, a introduzir nas suas aulas de LP as múltiplas possibilidades de linguagens que o ciberespaço pode propiciar. O meme, por sua profusão de linguagens, pode levar o estudante a produzir textos abarcando diferentes contextos, a exemplo da discursividade acerca da vida profissional do sujeito-professor. Assim, compreendo que o gênero textual meme contempla os requisitos para levar os estudantes a alcançar o que está previsto na competência 4.

A competência 5 também abre espaço para as possibilidades do uso do meme e das linguagens que ele pode proporcionar nas aulas de LP. Essa competência visa que os docentes utilizem as TICs de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, e que possam se comunicar, produzir conhecimentos, exercendo protagonismo e autoria no campo da vida pessoal e coletiva. Ao produzir e colocar em circulação um meme, seu idealizador assume a posição de autor e coloca em suspenso temas que são relevantes para a sociedade, provocando discussões e reflexões que partem do pessoal (inquietações do autor) e alcançam a atenção coletiva (inquietações de determinadas camadas da sociedade), cumprindo, dessa forma, não apenas a função comunicativa, mas também a de promover a disseminação do conhecimento, visto que para a compreensão do meme é necessário dispor de conhecimento histórico, social, político.

Na leitura das competências da BNCC é possível encontrar indícios de que as tecnologias estão presentes no documento, não apenas como simples ferramenta que auxilia no fazer pedagógico, mas como uma das possibilidades de diversificação da linguagem, de comunicação e de promover reflexões, fortalecendo “a autonomia

desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação.” (BRASIL, 2016, p.60). A tecnologia e a internet na contemporaneidade estão fortemente presentes no nosso cotidiano, o que vem influenciando mudanças na forma como pensamos, nos comportamos, nos comunicamos, interagimos na sociedade, produzimos, consumimos e transformamos a cultura. Esse conjunto de mudanças atribuídos ao uso das tecnologias e da internet é entendido como cultura digital. Diante dessa nova realidade tecnológica que permeia distintos campos sociais, entre eles o campo educacional, não é prematuro dizer que

[...] a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil [...] (BRASIL, 2016, p.61).

A cultura digital traz um movimento que agrega diferentes práticas, costumes, comportamentos e interações utilizando as TIC como um dos principais meios para a concretude desse movimento. A cultura digital perpassa todos os cinco campos de atuação da BNCC, fazendo surgir ou modificando gêneros e práticas. “Os campos de atuação orientam a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles.” (BRASIL, 20016, p.85). Nesse contexto, a BNCC recomenda o uso das tecnologias para aprimorar o ensino e o aprendizado, trazendo para o ambiente educacional o que já está sendo amplamente vivenciado pelos estudantes fora dos muros da escola, que é a transformação digital, marcada pela globalização, velocidade, mudança constante, com o poder de transformar o que aconteceu “ontem” em algo “obsoleto” hoje. Todos esses elementos que compõem o conjunto da cultura digital estão imbricados com a educação, promovendo, além do que já foi dito, impacto, autonomia e abertura para que os estudantes obtenham maior inclusão, saiam do isolamento da sala de aula, através da interação em rede e, conseqüentemente, possam contribuir com o avanço da sociedade, até porque,

A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa. (BRASIL, 2016, p.62).

O espaço escolar busca proporcionar a interação dos alunos, utilizando-se de diversos tipos de linguagem, a exemplo da verbal, corporal, visual-motora, oral, sonora e, contemporaneamente, a linguagem digital. “Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos” (BRASIL, 2016, p.63), que contribuem para que os estudantes sejam capazes de interferir, de forma positiva, no meio em que vivem, buscando melhorias para o bem coletivo. A BNCC ao tratar do ensino fundamental, em relação ao estudo dessas linguagens, traz a assertiva que,

As linguagens, antes articuladas, passam a ter status próprios de objetos de conhecimento escolar. O importante, assim, é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas. Mais do que isso, é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação. (BRASIL, 2016, p.63).

A área de Linguagens, de acordo com a proposta da BNCC, “deve garantir aos alunos o desenvolvimento de competências específicas” (BRASIL, 2016, p. 64). Vejamos, a seguir, as competências específicas da área de Linguagens.

Quadro 7 – Competências específicas de linguagens para o ensino fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Fonte: Brasil (2016, p. 65)

Assim como nas competências gerais, as competências específicas da BNCC recomendam o uso das tecnologias digitais, de forma crítica e reflexiva, prevendo que os estudantes sejam capazes não apenas de se apropriarem das suas múltiplas linguagens, mas também de utilizá-las com fluência. O documento reconhece o papel e a importância das tecnologias digitais para o desenvolvimento e aprendizado do aluno, mas ressalta que seu uso deve acontecer de forma responsável.

A BNCC, na área de linguagem, procura fazer um documento que trabalhe com a ideia da continuidade, em que o conteúdo seja visto não de uma forma estanque, mas que cada saber atrelado ao outro, ao final, transforme o falante, o escritor em alguém mais capaz, a partir do domínio de competências e habilidades da linguagem. Assim, algumas propostas que estavam nos anos iniciais, se mantêm nos anos finais como por exemplo a ideia da centralidade no texto. Falando especificamente do componente Língua Portuguesa é correto a assertiva que,

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais [...] (BRASIL, 2016, p. 67)

O trabalho com linguagens, desde os PCNs, se mantém na ideia de que a língua se materializa por meio do texto e o texto carrega consigo um discurso. Essa proposta é trabalhada a partir da educação básica nos anos iniciais e continua nos anos finais, partindo da ideia de que o texto materializa o discurso e que ele é produzido em determinado contexto. O texto continua, então, como o grande motor central do trabalho em língua portuguesa. Diferenciando-se dos PCNs, que não deram grande ênfase aos textos digitais, a BNCC se contextualiza aos tempos atuais e introduz os textos produzidos a partir das mídias digitais ou seja, os gêneros próprios dessas plataformas que serão trabalhados junto aos diversos gêneros clássicos, a exemplo do romance, crônica, resenha, que agora dividirão espaço com o *blog*, o *twitter*, o *facebook*, o *instagran*, *meme*, enfim todos os tipos de textos próprios desses

ambientes que as crianças estão tão acostumadas a navegar, e se fazem naturalizados nas novas gerações.

Como já foi relatado neste trabalho, a BNCC, ao contrário dos PCN, traz mais detalhadamente o uso das tecnologias na área de linguagens e no componente Língua Portuguesa, inclusive dando exemplos/sugestões de gêneros digitais que podem ser explorados nas aulas de LP. A fim de dar visibilidade a trechos que falam sobre o uso das TIC e também trazem sugestões de gêneros textuais que permeiam o campo digital na BNCC, elaborei um quadro demonstrativo que será apresentado a seguir.

Quadro 08 – Demonstrativo do uso das tecnologias e inclusão de gêneros digitais no componente Língua Portuguesa anos finais

Página	LÍNGUA PORTUGUESA
68	[...] podemos produzir <i>playlists</i> , <i>vlogs</i> , vídeos-minuto, escrever <i>fanfics</i> , produzir <i>e-zines</i> , nos tornar um <i>booktuber</i> [...]
69	Eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC [...]
69	[...]Compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um gif ou meme. Da mesma forma que fazer uma comunicação oral adequada e saber produzir gifs e memes significativos também podem sê-lo.
70	[...]Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital [...]
Página	EIXO LEITURA
72	Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.
72	Refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hipermídia e do surgimento da <i>Web 2.0</i> : novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital [...]
73	Analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam nas redes sociais, <i>blogs/microblog</i> , <i>sites</i> e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, <i>post</i> em rede social, <i>gif</i> , meme, <i>fanfic</i> , <i>vlogs</i> variados, <i>political remix</i> , charge digital, paródias de diferentes tipos,

	vídeos-minuto, <i>e-zine</i> , <i>fanzine</i> , <i>fanvídeo</i> , <i>vidding</i> , <i>gameplay</i> , <i>walkthrough</i> , <i>detonado</i> , <i>machinima</i> , <i>trailer</i> honesto, <i>playlists</i> comentadas de diferentes tipos etc. [...]
Página	EIXO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS
76	[...] comentar e indicar diferentes produções culturais por meio de resenhas ou de <i>playlists</i> comentadas; descrever, avaliar e recomendar (ou não) um <i>game</i> em uma resenha, <i>gameplay</i> ou <i>vlog</i> [...]
77	[...] incluindo-se aí a multisssemiose e características da conectividade (uso de hipertextos e hiperlinks, dentre outros, presentes nos textos que circulam em contexto digital).
77	Selecionar informações e dados, argumentos e outras referências em fontes confiáveis impressas e digitais [...]
78	Utilizar <i>softwares</i> de edição de texto, de imagem e de áudio para editar textos produzidos em várias mídias, explorando os recursos multimídias disponíveis.
Página	EIXO DA ORALIDADE
79	[...] <i>playlist</i> comentada de músicas, <i>vlog</i> de <i>game</i> , contação de histórias, diferentes tipos de <i>podcasts</i> e vídeos [...]
Página	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL
87	10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.
Página	HABILIDADES
141	Vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos para além dos já trabalhados [...] <i>vlog</i> noticioso, <i>vlog</i> cultural, meme, charge, charge digital [...]
141	(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.
141	(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, <i>gifs</i> etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.
143	(EF69LP06) Produzir e publicar [...] <i>vlogs</i> e <i>podcasts</i> culturais, <i>gameplay</i> [...] editor ou articulista de <i>booktuber</i> , de <i>vlogger</i> (vlogueiro) [...] levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.
143	(EF69LP10) Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, <i>podcasts</i> noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, <i>vlogs</i> , jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – <i>podcasts</i> e <i>vlogs</i> noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por

	roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.
165	(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, foto-denúncias, memes, <i>gifs</i> , anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, <i>sites</i> na internet etc.
177	(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, <i>gif</i> , comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.
177	(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, <i>gifs</i> etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

Fonte: Brasil (2016, pp. 68 – 177) – Adaptação da autora

O quadro apresentado acima, mostra que a BNCC traz o entendimento de que diferentes gêneros textuais permeiam o cotidiano das pessoas e podem/devem ser explorados também em sala de aula, mais precisamente nas aulas de LP. O que o documento sugere não é colocar gêneros clássicos como crônica, resenha, entre outros, em posição de coadjuvantes, mas agregar a produção digital, como *e-mails*, *blogs*, *podcast*, memes, *vlogs* e outros formatos próprios da cultura digital e das culturas juvenis.

Como eu afirmei no início deste capítulo, o intuito de falar sobre a BNCC e os PCNs não era para fazer uma análise crítica e profunda, o que eu pretendia era mostrar como os documentos são estruturados, qual a relevância deles para o sistema educacional, como as tecnologias foram abordadas e se há amparo legal para a inclusão do gênero textual meme nas aulas de LP. Ao longo deste capítulo foi mostrado que os PCN são organizados em duas partes, sendo a primeira responsável pela apresentação da área de Língua Portuguesa, e a segunda parte trata da Língua Portuguesa no terceiro e no quarto ciclos; já a BNCC é estruturada por meio de dez competências gerais que os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica assegurando seus direitos de aprendizado no campo pedagógico.

As tecnologias da informação estão presentes nos PCNs, mas ainda aparecem de forma tímida, dando ênfase à TV e ao computador, esse último assumindo posição de ferramenta de trabalho, auxiliando, por exemplo, os estudantes a fazerem

correções em suas escritas/reescritas, não sendo pensado como suporte para a internet, o que daria aos alunos a possibilidade de contato com a escrita de textos próprios do ambiente virtual; ao contrário dos PCNs, a BNCC enfatiza não apenas o uso das TIC, mas também o uso das TDIC como propulsoras do aprendizado. O documento evidencia a cultura digital, apresenta sugestões de uso de diversos gêneros textuais, próprios do campo digital, nas aulas de LP, ressalta o uso ético e responsável das tecnologias, acompanhando a explosão tecnológica que invadiu a vida dos estudantes. Em relação aos gêneros digitais sugeridos pela BNCC, o meme aparece diversas vezes, não deixando dúvidas de que seu comparecimento nas aulas de LP contribui de forma positiva para o aprendizado dos estudantes.

O fato do meme ser apontado diversas vezes em um documento normativo, como gênero textual que pode ser trabalhado nas aulas de LP, mobilizou a pesquisa no livro didático (LD), especificamente no sentido de averiguar se esse gênero comparece em suas atividades propostas. Para fazer essa pesquisa, usei o livro Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa, dos autores Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, 2018, adotado - e ainda utilizado - pela escola Centro Educacional do Município de Uruçuca, onde ministro aulas para o nono ano do ensino fundamental. A seguir, algumas atividades encontradas no referido livro.

Figura 12: Atividade do livro didático – 9º ano

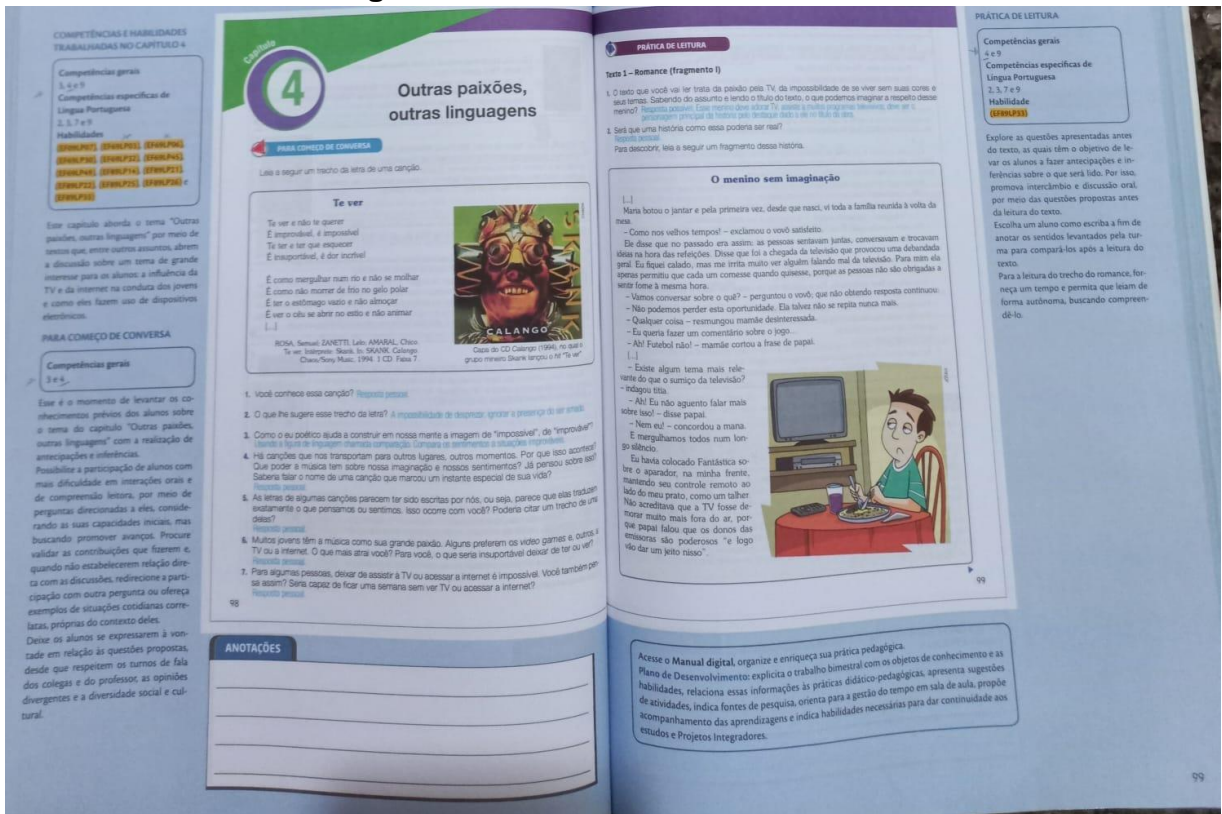


Figura 13: Atividade do livro didático – 9º ano

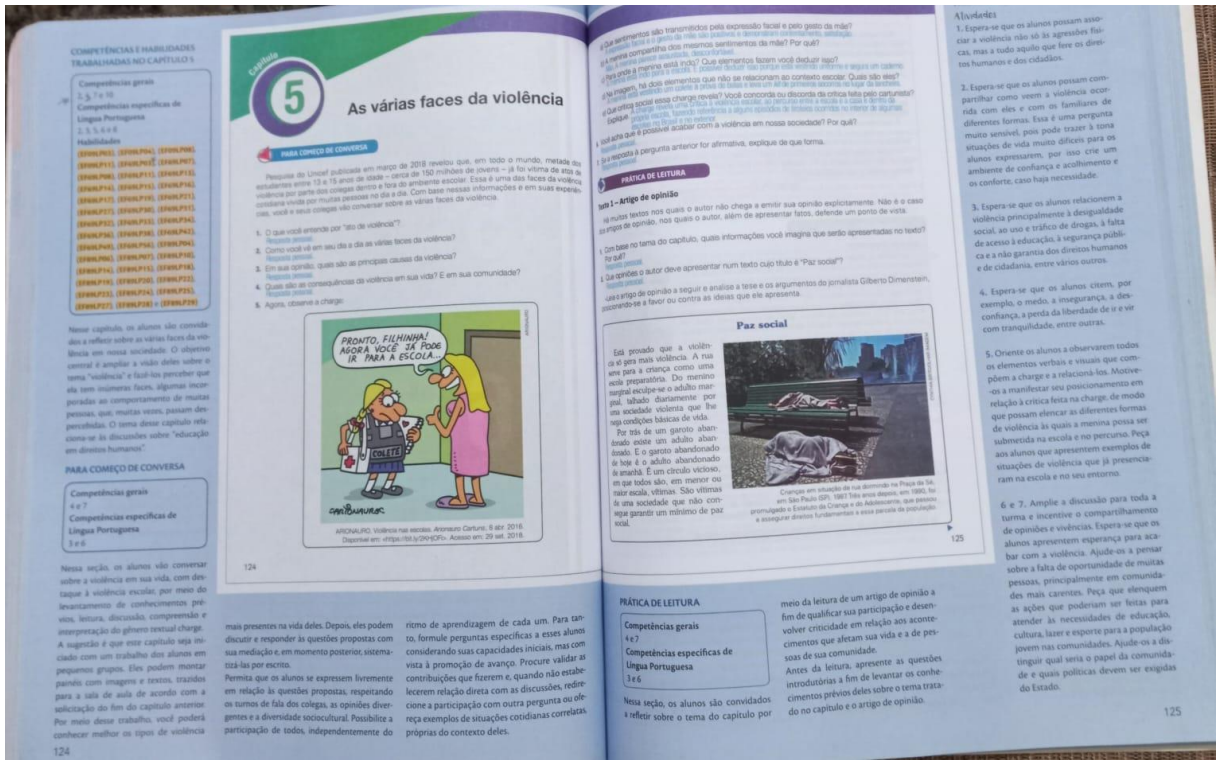
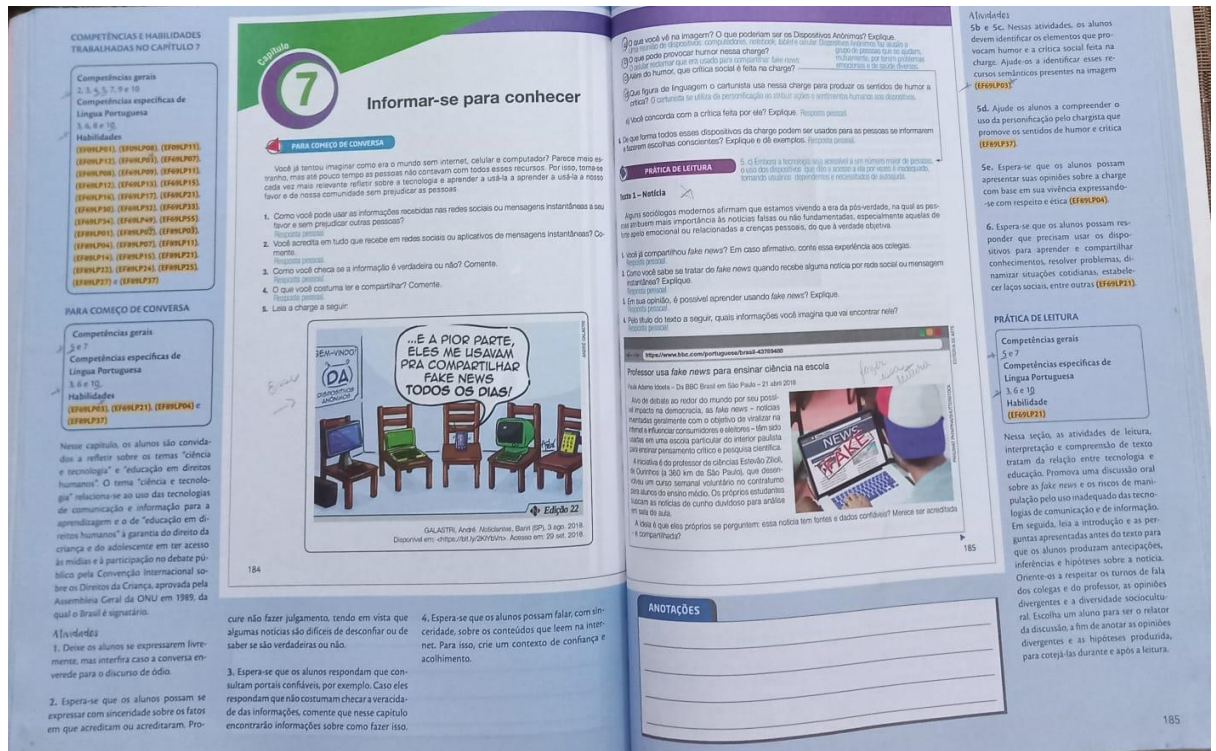


Figura 14: Atividade do livro didático – 9º ano



Embora o gênero textual meme seja sugestão de inclusão nas aulas de LP pela BNCC, o livro didático analisado, em seus 8 capítulos, não apresenta esse gênero em nenhuma das atividades propostas. A pesquisa focou nas atividades que trabalham as competências gerais, específicas e as habilidades relacionadas às tecnologias digitais e textos que circulam e são próprios do campo digital.

Retornando aos PCNs e à BNCC, é mister salientar que todas as informações que aqui foram levantadas acerca desses documentos, ratificam a relevância que eles têm para o nosso sistema educacional. Ambos foram idealizados pela necessidade de melhorar a educação no Brasil, tornando-a mais democrática e adequada às necessidades dos estudantes. Críticas ao baixo aprendizado, à evasão escolar e discussões curriculares foram os principais motivos para repensar, avaliar e redirecionar a educação no nosso país. Assim nasceram os PCNs e a BNCC que servem de referência para conduzir os trabalhos não apenas dos professores, mas também de diretores e coordenadores das escolas públicas e particulares.

5 METODOLOGIA

Através da pesquisa é possível investigar problemas que surgem nos diversos segmentos sociais, buscando encontrar respostas que viabilizem a sua elucidação. Gil (2002, p. 17) define a pesquisa “como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” O autor completa dizendo:

A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (*ibid.*, p. 17).

Considerando o posicionamento do autor acerca da pesquisa, pode concluir que a mesma assume grande importância na investigação, e provável solução dos problemas que emergem da sociedade. Para fazer uma pesquisa, no entanto, é preciso lançar mão de métodos, técnicas e diversos procedimentos científicos. Nesse sentido, para a realização desta pesquisa, foi feito um estudo e análise de dois documentos oficiais que regem o nosso sistema educacional, a saber: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

objetivando investigar quais as orientações apresentadas relacionadas à aplicabilidade das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto pedagógico, mais especificadamente na área de linguagem.

Foi analisado um livro do 9º ano do ensino fundamental II - recomendado na campanha de divulgação do ano de 2020, pelo Programa Nacional do Livro Didático - com o intuito de averiguar se há presença de memes nas atividades propostas. O referido livro apresenta o título “Tecendo Linguagens” (OLIVEIRA; ARÚJO, 2018).

Também foi elaborado um Material Pedagógico destinado aos docentes, trazendo, leituras, recomendações e sugestões acerca da importância do imbricamento entre teoria e prática na práxis pedagógica. Sobre esse material, falarei mais detalhadamente no item 5.1.

A pesquisa foi pautada na análise documental, que é um método importante de pesquisa qualitativa, visto que possibilita a complementação de informações obtidas por outras técnicas, além de desenvolver novos aspectos de um tema ou problema. De acordo com Gil (2002, p. 46), “os documentos constituem fonte rica e estável de dados.” A partir do momento em que o trabalho de coleta dos materiais se inicia, a análise documental passa a não representar um acúmulo de informações sem propósito, mecânica.

A análise bibliográfica também respaldou esta dissertação, o que viabilizou realizar o levantamento de obras publicadas acerca da teoria que direcionou o trabalho, com o objetivo de reunir e analisar textos publicados que serviram de apoio para a escrita científica, pois, de acordo com Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Diante das leituras e reflexões feitas acerca da teoria que foi estudada, foi possível, através das informações coletadas, desenvolver a pesquisa de modo que não se configurasse como uma mera repetição do que já foi escrito, e sim como algo significativo, que venha a colaborar com a resolução, ainda que parcial, da problemática apresentada.

5.1 Material Pedagógico - Memes em sala de aula: um olhar discursivo

Buscando contribuir com a prática pedagógica dos professores, foi organizado,

produzido e apresentado um Material Pedagógico, cujo ponto central é mostrar a importância da filiação a uma teoria, embasando os trabalhos práticos no contexto educacional. O referido Material Pedagógico (MP) oferece subsídios para o trabalho do professor em sala de aula, ajudando-o a aprimorar conhecimentos teóricos sobre conceitos importantes relacionados, em especial, à teoria da AD materialista, destacando o trabalho com a materialidade meme. A estrutura física do MP é composta pelos seguintes elementos:

Quadro 9 – Estrutura do Material Pedagógico

Quadro-síntese do Guia Pedagógico
Capa – Apresentação das informações que identificam a instituição, autor e o trabalho a ser detalhado no Material Pedagógico.
Apresentação – Carta ao professor, apresentando o escopo do trabalho desenvolvido.
Sumário – enumeração dos itens que distribuirão os conteúdos abordados no Material Pedagógico.
Introdução – apresentação dos fundamentos que irão nortear o trabalho, incluindo fundamentação teórica do projeto.
Carta Argumentativa – carta argumentativa acerca da importância da filiação a uma teoria e seus benefícios na aprendizagem dos alunos e na práxis pedagógica do professor.
Textos – texto mobilizando conceitos da AD; texto tratando do imbricamento entre meme, AD e LP.
Para saber mais (ANEXOS) – fechamento do trabalho proposto com indicações bibliográficas, links para textos, entrevistas, vídeos e sugestões de atividades. Todo material é relacionado à teoria da Análise do Discurso e ao uso do meme nas aulas de LP.
Referências

Fonte: Dissertação Poliana Ribeiro – Adaptação da autora

Na conjuntura atual, o espaço cibernético tornou-se ambiente multimodal, em se tratando da comunicação entre seus usuários, onde a “automatização dos modos de circulação dos discursos pelo digital vem produzindo mudanças importantes em distintos campos disciplinares como o jornalismo, a educação, mas também na sociedade como um todo” (DIAS, 2019, p.212). Acredito ser importante, para acompanhar essas mudanças que permeiam também os campos sociais da empregabilidade, dos relacionamentos, da mobilidade, da política, da democracia, entre outros, a filiação a um campo teórico, pois,

Nesse sentido, é preciso que os diferentes campos de conhecimento, as diferentes áreas disciplinares comecem a se mobilizar para debater formas de produção de saberes, de instrumentos teóricos para enfrentar esse processo em curso, que diz respeito à automatização da produção e da

circulação dos sentidos, que diz respeito à automatização da leitura. (DIAS, 2019, p. 212).

Diante das reflexões apresentadas é possível afirmar que ao desenvolver sua práxis pedagógica alicerçada em conhecimentos teóricos, o educador fica propenso a entender as diferentes concepções acerca da aprendizagem, levando-o a observar criticamente suas práticas pedagógicas, de modo que lhe dê condições de estudá-las e compreendê-las, possibilitando ratificá-las ou modificá-las, caso seja necessário, além de entender a relevância de atrelar prática e teoria sob a ótica de que, quando esse encontro acontece, o professor fica diante de diversas possibilidades de renovação da sua práxis pedagógica, culminando em um aprendizado mais efetivo por parte dos alunos. É importante cogitar que o docente ao assumir o papel de pesquisador fica mais próximo de alcançar de forma mais eficiente sua prática na construção de conhecimento com os estudantes, uma vez que passa a comungar de aparatos teóricos que permeiam o âmbito educacional.

O objetivo da proposta, a elaboração do MP, é colaborar de forma significativa com a prática do professor em sala de aula a partir da filiação marcada e assumida a um campo teórico específico e, conseqüentemente, atuar de forma marcada e propositiva na aprendizagem dos alunos. As propostas relacionadas às sugestões de atividades, quando necessário, podem/devem ser adaptadas pelo docente, observando as particularidades das turmas em que ministra suas aulas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias sempre fizeram parte da prática educacional, seja com o uso do giz, do quadro negro, do caderno, do lápis, do dicionário, das gramáticas. Todas elas auxiliam no desempenho de alunos e professores dentro do espaço escolar. Com o advento tecnológico iniciado no final do século XX, novas tecnologias, a exemplo do computador, que disseminou a internet, foram inseridas no processo pedagógico.

As TICs podem ser utilizadas na educação a fim de auxiliar o ensino, proporcionando, de forma criativa, uma nova maneira de ver o mundo. A inserção dessas tecnologias traz novos desafios à educação e a seus profissionais – tanto em termos de aprendizagem do manuseio, como em se tratando do acesso para os discentes -, ainda assim, vem sendo considerada uma excelente aliada no processo

pedagógico. Nessa perspectiva, os memes podem ser utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, coadunando as TICs com novas possibilidades de produção de escrita.

O professor deve sentir-se confortável para utilizar esses novos recursos didáticos. É necessário conhecê-los, saber utilizá-los, avaliá-los criticamente e criar possibilidades pedagógicas, partindo da integração desses meios com o processo de ensino. Considerando esse imbricamento tecnológico com a teoria, pode pensar a utilização dos memes, nas aulas de LP, pelo viés da AD, visto que essa materialidade pode nos remeter a uma análise crítica, uma vez que é preciso, para compreendê-los, recorrer às suas condições de produção, ao contexto histórico-social, à FD na qual o sujeito se inscreve e à situação mais imediata do dizer.

Como foi dito, mediante análise feita no livro didático Tecendo Linguagens, o gênero textual meme, não compareceu nas atividades propostas, no entanto, no decorrer da escrita desta dissertação, foi lançada a escolha do LD, para o período de 2024 a 2027, nas escolas públicas, através do Programa Nacional do Livro Didático, onde, em análise para a devida escolha, pude notar a presença do gênero meme, como comprovada a seguir:

Figura 15: Conceito de Meme

24. Agora, leia este trecho de uma matéria do Museu de Memes, da Universidade Federal Fluminense.

O que são memes

[...]
De modo bem objetivo, compreendemos atualmente os memes como uma linguagem ou um gênero comunicativo próprio do ambiente digital, e que costuma ser materializado na forma de uma imagem legendada, um vídeo viral, um bordão engraçado, ou uma animação extravagante. Além disso, grande parte da riqueza dos memes está expressa em sua característica intertextual. Eles frequentemente trazem referências à cultura *pop*, uma novela, uma série de tevê, um reality, ou o último acontecimento político do noticiário. Próprios do universo das comunidades *on-line*, os memes são geralmente lidos como conteúdos efêmeros, vulgarmente encarados como “besteirol” ou “cultura inútil”, fruto de sua interpenetração com a linguagem do humor. Mas precisam, sim, que os levemos a sério! [...]

O QUE são memes. Museu de Memes. Rio de Janeiro, c2022. Disponível em: <https://museudememes.com.br/o-que-sao-memes>. Acesso em: 23 jun. 2022.

a) Você concorda com a explicação dada nesse trecho sobre o que é meme? Por quê?

b) Você concorda que “os memes são geralmente lidos como conteúdos efêmeros, vulgarmente encarados como ‘besteirol’ [...]”? Explique.

“Mas precisam, sim,

Fonte: Material de divulgação para a escolha do LD 2024. Coleção Superação - 9º ano.

Figura 16: Origem do Meme

Qual é a origem da palavra “meme”?

É um trocadilho entre as palavras “mimesis” – que significa “imitação”, em grego – e “gene”, cunhada no livro “O Gene Egoísta”, de 1976.

Por Bruno Vaiano

Trata-se de uma adição recente ao nosso léxico: “meme” é um trocadilho entre as palavras *mimesis* – que significa “imitação”, em grego –, e “gene”, cunhada pelo biólogo britânico Richard Dawkins, no livro *O Gene Egoísta*.

Atualizado em 28 ago. 2020 – Publicado em 20 abr. 2017

publicado em 1976. Sua intenção era batizar uma unidade de informação cultural – assim como gene é uma unidade de informação genética. [...]


VAIANO, Bruno. Qual é a origem da palavra “meme”? Oráculo, *Superinteressante*, [S. l.] 28 ago. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/de-onde-surgiu-a-palavra-meme/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

a) Porque é um jogo de palavras com sons semelhantes, mas com significados diferentes, geralmente com teor humorístico.

a) Por que a palavra “meme” é considerada um trocadilho?
b) Qual foi o uso original dessa palavra?

21. b) Foi utilizada por Richard Dawkins para se referir a uma unidade de informação cultural.


22. Observe o meme a seguir.



Fonte: Material de divulgação para a escolha do LD 2024. Coleção Superação - 9º ano.

Figura 17: Atividade envolvendo Meme

3. Leia o meme a seguir.




a) Relacione a imagem com o texto verbal, explicando o humor do meme.
b) Classifique as palavras *perto* e *longe*.
c) Reconheça a regência dessas palavras.

FC, Bruna. *Pinterest*, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: [livro.page/15V8U137L](https://www.pinterest.com/pin/15V8U137L/). Acesso em: 18 jul. 2022.


4. Leia estes memes e responda às questões sobre o uso das formas *onde* e *aonde*.

I. Todos nós temos esse amigo



FC, Bruna. *Pinterest*, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: [livro.page/16V8U137L](https://www.pinterest.com/pin/16V8U137L/). Acesso em: 18 jul. 2022.

II. Eu: “me levanto”



FC, Bruna. *Pinterest*, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: [livro.page/17V8U137L](https://www.pinterest.com/pin/17V8U137L/). Acesso em: 18 jul. 2022.

a) Explique como a imagem do meme amplia o texto verbal.
b) Indique marcas de oralidade na fala do cachorro.
c) Como as marcas de oralidade contribuem para a construção de sentido do texto?
d) Quais são os verbos destas frases dos memes: “Onde você está?” e “Eae,

Fonte: Material de divulgação para a escolha do LD 2024. Coleção Trilha - 8º ano.

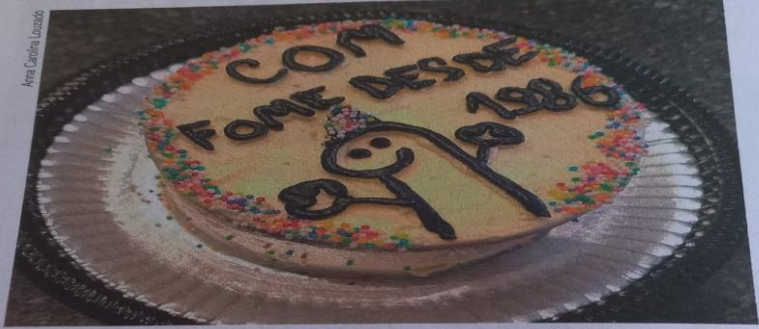
Figura 18: Fica, vai ter Meme!

4. Agora, leia o fragmento da notícia.

Fica, vai ter memel Bolos decorados com mensagens divertidas fazem sucesso

Viralizou. O bolo de meme, com decoração inspirada em mensagens bem-humoradas e figurinhas do WhatsApp caíram no gosto do público. Cheios de bom humor e com desenhos aparentemente simples, eles já são os mais pedidos neste começo de ano em algumas confeitarias de Curitiba.

Arina Carolina Louzão



Os bolos com meme viraram sucesso.

OLINDA, Caroline. Fica, vai ter memel Bolos decorados com mensagens divertidas fazem sucesso. *Gazeta do Povo*, [S.l.], 1 mar. 2022. Disponível em: livro.page/7V7U134L. Acesso em: 9 mar. 2022.

- O título faz um apelo ao leitor. Qual?
- De acordo com a notícia, o mundo virtual invadiu o mundo real. Comente a afirmação com exemplos do texto.
- Você faria uma festa com tema relacionado a *meme*? Por quê?
- Considerando a transitividade, como são classificados os verbos seguir?
 - fica
 - viraram
 - viralizou


Fonte: Material de divulgação para a escolha do LD 2024. Coleção Trilha - 7º ano.

Figura 19: Proposta de atividades com Memes

c) uma colocação pronominal

Leia os memes a seguir e faça as atividades 3 a 5.


I



Reprodução/www.me.me

Disponível em: <https://gerarmemes.s3.us-east-2.amazonaws.com/memes/tb86b265.webp>. Acesso em: 22 jun. 2022.


II



Reprodução/www.me.me

Disponível em: <https://gerarmemes.s3.us-east-2.amazonaws.com/memes/f6d47ccf.webp>. Acesso em: 22 jun. 2022.

III



Reprodução/www.me.me

Disponível em: https://img.itfunny.co/images/77a95ea1a9cb119de6e019166b0aa39033425261de9c5233753401d72748e99_1.webp. Acesso em: 17 maio 2022.

274

1. b) Porque o porteiro explica que estava treinando para um campeonato de sinuca do qual saiu vencedor. O argumento do porteiro convence os condôminos porque ele apresenta sua vitória como uma conquista do prédio: "nosso prédio pegou o primeiro lugar!"

Fonte: Material de divulgação para a escolha do LD 2024. Coleção Linguagens - 9º ano.

Diante dessas assertivas, espero, com essa pesquisa, que os memes sejam reconhecidos como linguagem passível de análise, compreendendo o funcionamento discursivo desses textos, que o professor possa observar o quão importante é a contribuição deles na evolução do sujeito-aluno, passando a considerar as múltiplas possibilidades de interpretação que essa materialidade nos oferece, desmistificando a ideia de que o texto é fechado e transparente.

Nessa perspectiva, considerando o possível envolvimento do professor em realizar um trabalho alinhando tecnologias em rede e aplicabilidade teórica, espero que o Material Pedagógico elaborado no decorrer da pesquisa seja uma ferramenta de estudos e orientações capaz de ajudar o professor a desenvolver esse trabalho, utilizando-se da AD como base teórica. Espero também, que professores e alunos percebam as diversas funções sociais das TICs, passando a utilizar esse ambiente virtual como ferramenta de ensino/aprendizagem, levando em consideração as suas peculiaridades.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010. pp. 40-72.

BLOG DO CARTUNISTA ARIONAURO: **Cartum Matando a Fome**

Disponível em: <http://www.arionaurocartuns.com.br> › 2016/04 › cartu. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília,

MEC/CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 22 out. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares**

nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua

portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 106p.

CARNEIRO, Ceres. O funcionamento da memória na produção de memes sobre a pandemia de 2020. *In: Discursos da Pandemia: Entre dores e incertezas*. Baalbaki, Angela Costa F.; SILVA, Luiz Felipe Andrade (Orgs.). 1.ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

CAZARIN, Ercília Ana. A leitura: uma prática discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**

- **LeMD, Tubarão**, v. 6, n. 2, p. 299-313, mai./ago. 2006. Disponível em:

portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br. Acesso em: 06 abr. 2022.

CHARGE E CARTUM: Qual a diferença entre charge e cartum?. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/charge-e-cartum/>

› Língua Portuguesa. Acesso em: 20 out. 2022.

CHARGE Gênero textual que faz críticas aos temas de interesse público - Língua

portuguesa Enem | **Educa Mais**. 2019. Disponível em:

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-> Acesso em: 20 out. 2022.

DIAS, Cristiane. A língua em sua materialidade digital. Seminário de Estudos em

Análise do Discurso (3.: 2007: Porto Alegre, RS) **Anais do III SEAD-Seminário de**

Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico]-Porto Alegre: UFRGS,

2007 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/anaisdosead>. Acesso em: 19 mar 2022.

DIAS, Cristiane. **O sentido da automatização na análise de discurso: sobre a**

maquinaria dos sentidos. Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, SP, n. 44,

p. 198 – 221, jul/dez. 2019.

DIAS, Cristiane. COELHO, André. **V de Vinagre: a produção de imagens**

humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. *In:*

Textecendo Discursos na Contemporaneidade. Ane Ribeiro Patti; Daiana de

Oliveira Faria; Daniela Giorgenon; Dantielli Assumpção Garcia; Lucília Maria

Abrahão e Sousa [Orgs]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 421p.

DIAS, Cristiane P. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane .P. **Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital.** Série Cogitare. Vol 07. Santa Maria: UFSM, PPFL, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Editora Forense Universitária, 2ª ed., 2009.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

GALLO, Solange Leda. **Novas Fronteiras para a Autoria.** Organon, Porto Alegre, nº 53, julho-dezembro, 2012, p. 53-64.

GUERREIRO, Anderson. SOARES, Neiva Maria Machado. **Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos.** Texto Digital, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez. 2016. ISSN: 1807-9288. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185>. Acesso em: 06 out. 2022.

IFUNNY – **Quando eu digo que sou professor(a)...** Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/quando-eu-digo-que-sou-professor-a-meus-pais-me-6ETI5GGz4>. Acesso em: 14 mar. 2022.

INDURSKY, Freda. O Texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. *In: Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade / Suzi Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs.) – Pontes Editores, 2010 – 2ª Edição: Campinas, SP.*

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Tempo Docente.** Campinas, SP Papyrus, p.10 - 76, 2013.

LACERDA, Gustavo Haiden de. **Memes virtuais, leitura e discurso: Redes sociais imbricadas à sala de aula.** Google Acadêmico, 2018. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=qWZYWAUAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 15 mar 2022.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. *In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L.; MITTMANN, Solange. O discurso na contemporaneidade.* São Carlos, SP: Claraluz, 2009, p. 65-78.

#MUSEU DE MEMES. Disponível em: <https://museudememes.com.br/acervo>. Acesso em: 03 Set 2021.

OLIVEIRA, Tania Amaral. ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo Linguagens: língua portuguesa, 9º ano. – 5. Ed. – Barueri [SP]: IBEP, 2018.**

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 13ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORMUNDO, Wilton. SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**, 9º ano. – 1.ed. – São Paulo: Moderna, 2018.

PÊCHEUX, Michel (1983). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2015.

PLATAFORMA SUCUPIRA CAPES. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/>. Acesso em: 03 set. 2021.

PROFESSOR DA DEPRESSÃO. **Deus está vendo...** Disponível em: <https://www.facebook.com/ProfessorDaDepressao/>. Acessado em: 14 Mar 22.

RIBEIRO, Poliana Brito Sena. **Multiletramentos, redes sociais e ensino de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Letras) PROFLETRAS – Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, Bahia, 2017. p. 98.

SANTANA, Flávia Ferreira. **Jogos parafrásticos e polissêmicos em funcionamento nos processos constitutivos de memes: uma abordagem discursiva na sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres, 2019. p. 229.

SANTOS, Geovana. **Academia da depressão: efeitos de sentido das discursividades em memes**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 123. 2019.

STEIN, Thaís. **O que é um meme** (significado e exemplos engraçados). Diário Popular. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme/>. Acesso em: 21 out 2022.

TORRES, Ton. **O fenômeno dos memes**. Ciência e Cultura. Vol.68, nº 03, São Paulo, Jul/Set, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300018>. Acesso em: 15 out. 2021.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ



DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL –PROFLETRAS



DULCELIR DIAS DE QUEIROZ DA SILVA

MEMES EM SALA DE AULA: UM OLHAR DISCURSIVO

Produto de conclusão de curso apresentado ao Programa Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Luzia Lunkes.

ILHÉUS-BAHIA
2023

APRESENTAÇÃO

Caro professor,

Este Material Pedagógico foi preparado especialmente para você, com a finalidade de levá-lo a refletir sobre a necessidade do imbricamento entre teoria e prática, auxiliando no melhoramento/aperfeiçoamento do seu fazer pedagógico.

A ideia da produção deste material nasceu no decorrer de uma pesquisa voltada para práticas de ensino da Língua Portuguesa, realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Bahia. À luz da Análise do Discurso (AD), tem como foco de estudo o meme, considerando sobretudo seus processos de formulação e circulação nas redes sociais. Trata-se de um gênero que possibilita a utilização de diferentes linguagens, usadas na/para sua construção textual, observando seu espaço de circulação: o ciberespaço.

Este Material Pedagógico é uma proposta que objetiva agregar informações e articular conhecimentos. Nele serão apresentados textos voltados para a importância da articulação entre teoria e prática, conceitos básicos sobre a Análise do Discurso materialista, indicação de livros, artigos, entrevistas e sites que tratam da AD e do uso de memes nas aulas de Língua Portuguesa.

Espero que o tema aqui abordado contribua de forma efetiva para a sua constante formação, bem como na prática pedagógica que desempenha, reverberando no ensino-aprendizado dos discentes, que são o núcleo do processo educacional.

Bom estudo!

SUMÁRIO

CARTA À/AO DOCENTE.....	5
INTRODUÇÃO	9
ANÁLISE DO DISCURSO: disciplina de entremeio	11
O MEME, A ANÁLISE DO DISCURSO E A LÍNGUA PORTUGUESA: possibilidades de articulação	13
O MEME DA PERSPECTIVA DISCURSIVA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: polissemia, humor, efeitos de sentidos, condições de produção... ..	14
PRODUZA SEU MEME	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXOS	22
ANEXO A – CURIOSIDADES SOBRE MEMES	22
ANEXO B – LINK ENTREVISTA COM ORLANDI	22
ANEXO C – LINKS DE TEXTOS SOBRE AD E MEMES	22
ANEXO D – INDICAÇÃO DE OBRAS SOBRE A AD	24

CARTA À/AO DOCENTE³

Prezados colegas,

Professores e Professoras de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Saudações!

Na escola se retomam e consolidam/legitimam inúmeras teorias elaboradas pelos homens durante a história da humanidade: filósofos, físicos, linguistas, cientistas de todas as áreas deixaram sua contribuição teórica que, de um modo ou de outro, é retomada na prática escolar, ainda que, em alguns momentos, seja de maneira ineficiente. Entretanto, no imaginário do senso comum, caros professores e professoras, a prática pedagógica é ainda compreendida como atividade que costuma ser apartada do fazer científico.

Em se tratando do ensino de linguagens, temos observado que há uma propensão ao fazer intuitivo, guiado pelos “*insights*” e pelo achismo, e um afastamento de planejamento de ações que estejam pautadas, sustentadas em teorias, em resultados de pesquisas científicas.

Tomemos as premissas sinalizadas por José Carlos Köche (2011)⁴, em se tratando de Fundamentos da Metodologia Científica: ele destaca que o progresso científico acontece tendo em vista o choque contraditório entre as teorias. Nessa perspectiva, entendemos que ao se realizar uma nova pesquisa, toma-se como pressuposto uma teoria anterior, a fim de confirmá-la ou refutá-la. Por isso, não se tem “um acúmulo de teorias estabelecidas, mas o derrubamento de teorias rivais que competem entre si, isto é, há uma constante revolução na ciência, ocasionada pela polêmica em torno das teorias” (KÖCHE, 2011, p. 16).

Tratando especificamente da prática docente, torna-se relevante compreendê-la como prática discursiva cuja relação com o aporte teórico se dá de maneira

³ Adaptação da Carta Argumentativa elaborada pelas mestrandas Dulcelir Queiroz e Fernanda Márcia, apresentada à Professora Doutora Fernanda Lunkes, da disciplina TEXTO E ENSINO, do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus – BA., 2021.

⁴ KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

equivocada, como assinala Carolina Fernandes (2018)⁵. Tal equívoco reside no fato de os professores sinalizarem, em seus discursos, uma imensa dificuldade em aliar os pressupostos tão bem explorados nos cursos de licenciatura à atuação em sala de aula. O “chão da escola” não parece ser terreno fértil para as aplicações teóricas suscitadas em obras diversas.

Para compreender as razões desse equívoco, Fernandes (2018), toma as conjecturas da Análise do Discurso, representada por Pêcheux e Eni Orlandi. Em nossa argumentação em favor da importância das teorias, seguimos a mesma linha reflexiva apresentada pela autora, visto que compreendemos, também, que articular “teoria e prática” é um grande desafio. Entendemos que a teoria, atrelada ao ato de ensinar, tem relevância indiscutível, mas sua aplicabilidade não pode ser tomada como receita pronta, como manual inflexível, em que se tomam as injunções ao pé da letra para a realização do fazer educacional.

O professor de Língua Portuguesa precisa lidar, sempre, com modificações no seu objeto de trabalho: a língua. Por conseguinte, trabalhar com eficiência exige mudanças constantes de postura e revisão periódicas do conhecimento construído.

Numa tentativa de exemplificar de maneira mais didática o que aqui pretendemos defender, tomaremos dois pontos de estudo que, entre outros, fundam o ensino de linguagem: o trabalho com a *lecto-escrita* e o trabalho com o texto (sua concepção, estrutura e atribuição de sentido). A partir desses dois pontos, buscaremos apresentar alguns poucos aspectos teóricos que, quando ignorados, comprometem a eficiência do ensino e da aprendizagem.

O primeiro aspecto do ensino de linguagem, diz respeito à leitura e a escrita. Para ancorarmos esta discussão, tomamos as premissas de Angela Kleiman (2013)⁶ quando esta destaca que a compreensão dos “vários aspectos que subjazem ao esforço do leitor para criar o sentido do texto, para tornar o texto significativo e coerente” (KLEIMAN, 2013, p. 13) deve oferecer uma noção do nível de complexidade que é a tarefa de leitura e compreensão, que envolve processos como “elaboração, criatividade e flexibilidade do leitor engajado”. (KLEIMAN, 2013, p. 13).

⁵ FERNANDES, Carolina. **Os desafios de ensinar a Análise do Discurso e de se ensinar com a Análise do Discurso**. Pelotas: Linguagem e Ensino, 2018.

⁶ KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 15 ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

Indursky, sob o viés da teoria da Análise do Discurso, afirma que “somente pela vivência das práticas da leitura e da escrita, tomadas em seu ciclo autoral, é que será possível produzir mais e qualificados leitores, capazes de produzir uma leitura interpretativa que os inscreva na autoria de sua própria escrita.” (INDURSKY, 2019, n.p.)⁷

Finalmente, apresentamos como última proposta de discussão neste breve diálogo, o trabalho com o texto. E, para isso, apresentamos os pressupostos de Freda Indursky, que contribuirá com as nossas reflexões ao apresentar a noção de texto na perspectiva de diferentes correntes teóricas.

Mediante ao que nos apresenta Indursky (2010)⁸, o elemento texto é compreendido de diferentes maneiras e apresenta características diversas (e divergentes), se o observarmos sob a perspectiva de algumas teorias. Neste sentido, ao consideramos o trabalho com este elemento, devemos ter clareza do aporte teórico que nos subsidia, se ele advém da Linguística Textual, da Teoria da Enunciação, da Semiótica ou da Análise do Discurso.

Como é possível ao professor falar de texto e mobilizá-lo em sala de aula sem levar em consideração que estas teorias assumem pressupostos teórico-analíticos de maneira tão diversa? É possível, por exemplo, pensar no texto enquanto unidade formal, como apresenta a Linguística Textual, ao passo em que se considera que o sentido é construído pelos interlocutores, como destaca a Teoria da Enunciação?

Evidentemente, o desconhecimento desses aspectos teóricos poderá provocar na atuação docente uma “colcha de retalhos” contraditória, que não cumprirá, de forma eficiente, o objetivo de aquecer o conhecimento construído na escola, na educação básica, sobre o funcionamento do texto no espaço comunicativo. Para Indursky (2010), então, é imperativo que construamos relações comparativas entre perspectivas teóricas diferentes, a fim de que possamos compreender os limites e avanços de cada uma dessas teorias para subsidiar a compreensão do elemento textual.

⁷ INDURSKY, Freda. **Leitura, escrita e ensino a luz da Análise do Discurso**. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/42832226/LEITURA_ESCRITA_E_ENSINO_%C3%80_LUZ_DA_AN%C3%81LISE_DO_DISCURSO. Acesso em: 22 abr. 2023.

⁸ INDURSKY, F. O texto nos Estudos da Linguagem: Especificidades e Limites. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI, Suzy. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2010.

Diante dessas reflexões, pontuamos aqui, caros colegas pesquisadores da linguagem, que é muito comum ouvir de alguns professores o pensamento “na teoria tudo são flores, mas na prática tudo é diferente”. Entendemos essa fala como falta de compreensão da verdadeira função que a teoria exerce sobre a prática pedagógica. Esse pensamento existe porque muitos educadores não buscam a compreensão da teoria para, em seguida, estudar quais práticas podem se aliar a essa teoria e, então, estabelecer as diretrizes do *seu savoir-faire*.

Além disso, quando se leva ao pé da letra a máxima de que teoria e prática são dissociáveis, essa confusão é gerada. A teoria e a prática em algum momento se distanciam para que o professor se alimente da teoria e, após a compreensão da mesma, possa definir quais práticas utilizar em suas aulas. Quando esse movimento é realizado, o professor tem condições de atrelar teoria e prática, sem negligenciar os aspectos estruturais, regionais, culturais e sociais da sua comunidade escolar.

INTRODUÇÃO

A era da internet, que teve seu início marcante no final do século XX, vem proporcionando interação em rede, as pessoas podem, ao mesmo tempo, falar com amigos, pesquisar sobre assuntos diversos, ou mesmo checar seus investimentos no sistema financeiro, nos remetendo ao pensamento de que a tecnologia já é parte integrante de nossas vidas. Cada vez mais, parece impossível imaginar a vida e o processo educativo sem esses recursos.

Nas aulas de Língua Portuguesa a internet pode ser de grande utilidade por agregar informações e possibilitar que haja múltiplas formas da construção textual. O uso do computador e internet, quando tratamos de gêneros textuais, apresentam uma grande influência, podendo ser vista através dos vários gêneros que circulam no ciberespaço, a exemplo dos *blogs*, *podcasts*, memes, *facebook*, *instagram*, entre outros, os quais possuem características próprias.

O meme, nesse contexto digital, surge como gênero textual que, sob o viés da Análise do Discurso, mobiliza o contexto histórico, a condição de produção, a memória, o lugar de fala do autor e o efeito leitor para que haja compreensão daquilo que é posto em discussão, desencadeando no sujeito o processo de produção do sentido. Para o desenvolvimento do discurso no campo digital, a historicidade é requerida, sinalizando que a memória, a exterioridade são partes integrantes desse processo de construção. Em um de seus estudos, tecnologia e digital são alvos de questionamentos e reflexões no que diz respeito à discursividade, Cristiane Dias nos fala que

É nessa instância que a historicidade, compreendida pelo efeito metafórico de tecnologia e digital, me interessa para refletir sobre como o sentido de tecnologia vai se constituindo historicamente, vai derivando e deslocando sentidos, de modo que o digital enquanto uma tecnologia específica produz sentido pelo funcionamento dessa memória discursiva [...]

É nesse sentido que tomo o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas [...] (DIAS, 2018, p. 28).

O digital, como bem disse a autora, não cumpre função apenas como suporte da tecnologia, o discurso que nele é construído, formulado e posto em circulação produz sentidos distintos a depender não apenas da sua condição de produção, mas também do público que vai alcançar, levando em conta que no ambiente virtual existem sujeitos que se agrupam em comunidades, mediante interesses em comum.

O modo de escrita praticado na internet, através das redes sociais, acabou provocando uma mudança na escrita dos estudantes, e aqui eu me refiro mais especificadamente aos estudantes do ensino fundamental II, de forma que a escola não pode fechar os olhos para esse fenômeno. Dito de outra forma, a escola não pode ficar alheia a essas mudanças, é preciso abrir espaço para as novas e múltiplas possibilidades de linguagens que vêm surgindo no espaço virtual, objetivando exercer a comunicação. Para Dias,

O discurso sobre a língua nasce, na Internet, sobretudo, como uma reação a um modo de escrita que surge com a expansão da comunicação nas comunidades virtuais e redes sociais, o que, de modo geral, tem se chamado internetês e, de modo específico, encontra subdivisões, dependendo, sobretudo, do fator idade e tribo. (2007, n.p.).

O meme, considerado um gênero textual característico da internet, está inserido nessa revolução da escrita oriunda do espaço digital, trazendo em sua construção o humor para discursivizar sobre o cotidiano. Em reconhecimento ao papel que o meme vem assumindo no campo textual, Carneiro afirma que

Não há como precisar o momento exato em que um meme surge, nem quem o elaborou e, muito menos, o seu alcance. O importante para nós, entretanto, é que os memes circulam e se constituem como uma materialidade significativa. Entendemos, assim, que nos dizeres em circulação nos memes digitais se marcam condutas praticadas, em um determinado momento histórico, e se favorecem a circulação de saberes, cuja abrangência é ilimitada. (CARNEIRO, 2020).

A circulação de saberes mencionada por Carneiro, assim como no ciberespaço, também acontece nas aulas de Língua Portuguesa. É salutar, no entanto, para que haja maior eficácia na práxis pedagógica, bem como no processo de aprendizagem dos alunos, que uma filiação teórica seja adotada.

A busca pelo conhecimento teórico leva o professor a refletir acerca das possibilidades de mudanças e ressignificação da sua práxis pedagógica, uma vez que permite a compreensão de que conceitos não são imutáveis e se ancoram no contexto histórico e social, podendo promover um desdobramento, como explica Dias, (2018, p. 23)

Por desdobramento teórico não estou afirmando que os conceitos mudam voluntariamente ou se tornam simplesmente obsoletos e sem serventia, nem poderia, já que é preciso considerar que os conceitos têm historicidade, pois são formulados em certas condições de produção e em determinados campos teóricos e institucionais. Nessa perspectiva, ao apontar para a possibilidade de desdobramentos, estou me referindo ao modo de leitura dos objetos na relação com os quais os conceitos significam e se re-significam.

É comum ouvir de alguns docentes, quando se fala em alinhar teoria e prática, a seguinte frase: na teoria tudo é fácil, mas na prática ... Nesse trabalho, não pretendo polemizar a dupla teoria/prática, mas levar os docentes a refletir sobre essa questão, além de oferecer um estudo/pesquisa/leitura acerca dessa temática, unindo o componente curricular Língua Portuguesa, a filiação teórica Análise do Discurso e o gênero textual meme.

ANÁLISE DO DISCURSO: disciplina de entremeio



Sobre o autor

A proposta de uma teoria do discurso é feita por Michel Pêcheux em sua tese de doutorado, defendida em 1968 e publicada no ano seguinte com o título *L'analyse automatique du discours* (Análise Automática do Discurso – AAD69). Michel Pêcheux (1938-1983) estudou filosofia na Ecole Normale Supérieure de Paris, de 1959 a 1963. Na década de 1960, reuniu um grupo de pesquisadores de diversas áreas para debater e produzir estudos com a proposta de abordar o discurso, o sujeito e o sentido, na articulação entre Linguística-Materialismo e Psicanálise. Dentre suas publicações, constam obras que são referências para o estudo do discurso, como: *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*; *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*; *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*; *O discurso: estrutura ou acontecimento*.

Disponível em:

<https://canal.cecierj.edu.br/recurso/15319>

A Análise do Discurso se estabelece na França tendo como marco a publicação de *Análise Automática do Discurso*, em 1969, por Pêcheux.

Ela se apresenta como uma disciplina de entremeio, articulando conhecimentos do domínio das Ciências Sociais e da Linguística, objetivando também a transformação da prática das ciências sociais e dos estudos da linguagem. Por disciplina de entremeio, Orlandi (2007, p.22) define como “uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente.” A autora segue escrevendo que

Nessa confluência, a Análise de Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2020, pp. 16-17).

Na confluência desses campos de conhecimento, a análise do discurso mobiliza a materialidade da linguagem, sua opacidade (não transparência), “irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essa forma de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso.” (ORLANDI, 2020, p. 20). O discurso se materializa no texto e, para a

AD, ele não representa apenas uma transmissão de informação nem tampouco é tido como uma mera forma de comunicação, por considerar que a linguagem pode servir para comunicar e para não comunicar. Dessa forma, o discurso é visto como efeito de sentido entre locutores, uma vez que, nele, o sujeito constrói seu processo de identificação, de argumentação, etc. “No discurso não tratamos com dados, mas com fatos de linguagem, de muitas e diversas naturezas. O fato tem materialidade e é pensado em seu processo de constituição. Não é mero produto.” (ORLANDI, 2010, p. 10).

Para a AD a ideologia constitui sua importância por ser uma categoria analítica da prática social, ela “é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história na sua necessidade conjunta, na sua materialidade. Ou seja, só podemos ter língua e história conjugadas pelo efeito ideológico [...]” ORLANDI (2007, p. 40). Ainda sobre ideologia e língua, Orlandi afirma que

A ideologia, aqui, não se define como conjunto de representações, nem muito menos como ocultação da realidade. Ela é uma prática significativa. Necessidade da interpretação, a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique. O sujeito, por sua vez, é lugar historicamente (interdiscurso) constituído de significação. (2010, p. 48).

Enquanto disciplina de entremeio, a AD não tem a pretensão de uma mera aplicação da linguística sobre as ciências sociais ou vice-versa, ela, levando em conta sua peculiaridade, surge para produzir um outro lugar de conhecimento, onde a linguagem tem relação direta com a exterioridade e seu funcionamento passe a ser entendido enquanto processo significativo.

O objetivo ao fazer esse apanhado sobre a AD, foi situar você, professor, acerca dessa teoria e contribuir para despertar seu interesse em conhecê-la, levando-o a aplicá-la em suas aulas e desenvolver um trabalho conciliando teoria e prática.

O MEME, A ANÁLISE DO DISCURSO E A LÍNGUA PORTUGUESA: possibilidades de articulação



Sobre a autora:
Cristiane Pereira Costa Dias

Possui doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2004), Mestrado em Letras, Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Santa Maria (2000) e Pós-doutorado na linha de pesquisa Língua, Sujeito e História, do Laboratório Corpus/PPGL-UFSM.

Atualmente, é pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos - Labeurb-Nudecri/Unicamp, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC - LABJOR/IEL) e da Especialização em Jornalismo Científico (LABJOR/DPCT-IG e DM/IA).

Disponível em:
<http://lattes.cnpq.br/0145794755326509>

Em 1976, no livro *O Gene Egoísta*, de Richard Dawkins, foi citado pela primeira vez o termo meme, trazendo a ideia de repetição e imitação, transmitindo as características genéticas dos indivíduos. “O sentido do meme na teoria Dawkins tem uma clara filiação de sentido à biologia evolutiva, campo do qual nos afastamos radicalmente uma vez que, filiados à Análise de Discurso (AD), trabalhamos com o sentido material, produzido na história.” (DIAS; COELHO, 2014, p. 240).

O que define o gênero meme é a sua capacidade de replicação e viralização, sobretudo, nas redes sociais. Trazendo o humor como característica, o meme trata de temas variados, onde os sentidos produzidos pelos sujeitos se desdobram, provocando deslocamento na rede de constituição desses sentidos. “O humor presente nesses memes pode ser compreendido como uma crítica situada na formulação de um discurso de resistência usado para dizer sobre os objetos de que se ocupa.” (SANTOS, 2019, p. 20).

O meme, em sua constituição, mescla a polissemia e a paráfrase promovendo um jogo entre o diferente e o mesmo, (re)criando sentidos que se situam de acordo com as condições de produção do sujeito, seu contexto sócio-histórico, ideológico e, em se tratando do meme digital, os discursos ideológicos estão se

(re)configurando de acordo com o seu lugar de produção, o ciberespaço.

Para a Análise do Discurso, aquilo que é dito apresenta diferentes significados, observando-se o lugar de fala do sujeito. Nesse sentido, Orlandi escreve que

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2020, p. 32).

Nas formulações apresentadas nos memes que circulam na internet, a constituição dos sentidos é evocada mediante a relação dos sujeitos com a sua história, sua memória e seus saberes. Assim, para Carneiro,

Os dizeres do meme se amparam em dizeres outros, [...] porque todo discurso se relaciona com outros sujeitos e com a ideologia, que os atravessa pela memória e pelo esquecimento, mas também pela apropriação de saberes que circulam em outro lugar e foram encaixados neste novo discurso: o pré-construído. (CARNEIRO, 2020, n.p.)

Os dizeres e saberes contidos nos memes encontram no campo digital, o espaço propício para a constituição, formulação e circulação de sentidos, trazendo a reflexão de como formulações feitas em outro tempo e em outro lugar podem influenciar/determinar o que é dito na atualidade.

Considerado um gênero textual da internet, por sua capacidade de viralização e multiplicação instantânea – embora geralmente seja efêmero -, o meme utiliza frases curtas e uma grande dose de humor para dizer sobre o cotidiano. Em sua constituição é possível trabalhar com múltiplas materialidades como textos verbais, imagens, vídeos e áudios, por exemplo, o que possibilita a imbricação dessas materialidades, atravessando umas às outras. Esse movimento, no qual a linguagem está ganhando outras dimensões significativas, contribui para a inclusão do estudo do gênero meme nas aulas de Língua Portuguesa.

O MEME DA PERSPECTIVA DISCURSIVA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: polissemia, humor, efeitos de sentidos, condições de produção...

A materialidade meme proporciona a circulação de sentidos no ciberespaço, trazendo discursos diversos que, muitas vezes, provocam o deslocamento do olhar que o sujeito tem, ilusoriamente, de que o texto é fechado, acabado, contrariando a assertiva de que efeitos de sentidos são constituídos por meio das paráfrases. Apesar de ser um gênero nato da internet, o meme também pode ser levado para a sala de aula, auxiliando no desenvolvimento discursivo dos alunos.

Partindo desse pressuposto tomo, a seguir, como objeto de uma breve análise memes que trazem o discurso sobre a precariedade salarial do sujeito professor. O objetivo dessa análise não implica diretamente em ensinar como se trabalha com memes, e sim mostrar que é possível utilizar as múltiplas linguagens presentes neste gênero, nas aulas de Língua Portuguesa.

Professora : a gente recebe pouco

A foto do perfil dela :



Meme professor ganha mal

Fonte: <http://www.google.com.br/imagens>

A divergência entre o que é dito por professores com grande frequência – “a gente ganha pouco” -, e o local que a professora coloca como seu perfil na rede social é o que mobiliza o efeito de humor neste meme. Nesta materialidade que reúne o verbal e o não verbal, podemos ver ao fundo a imagem da Torre Eiffel, um símbolo da França, reconhecido mundialmente. A torre foi construída especialmente para ser apresentada na Exposição Universal de Paris, que aconteceu em 1889. O evento foi, na verdade, uma competição entre profissionais (arquitetos e engenheiros) e o objetivo era construir algo que pudesse representar os 100 anos da Revolução Francesa.

Paris, local onde fica a Torre Eiffel, é uma das cidades europeias com o custo de vida mais alto, daí o imbricamento da imagem e das frases que compõem esse meme. Se professor ganha mal, como pode passar as férias em Paris? Se professor passa as férias em Paris, porque discursa que ganha mal? É possível ganhar mal e passar as férias em Paris?

Para a reflexão de todos esses questionamentos e para a interpretação desse meme, o sujeito leitor é levado a considerar suas condições de produção, recorrer à memória discursiva, visto que é necessário o conhecimento sobre a cidade de Paris (sua localização, custo de vida...) e sobre o que vem sendo discursivizado sobre o

sujeito professor. Toda essa análise servirá para consolidar o que vem sendo dito acerca do tema ou provocar um deslocamento na produção de significados/sentidos.



Meme professor ganha mal
 Fonte: <http://www.google.com.br/imagens>

Neste meme, assim como no anterior, o tema está relacionado ao discurso que se tem acerca do sujeito professor, precariedade de seu salário e os destinos escolhidos para passar as férias. Nessa composição o autor usou recursos imagéticos e verbais para tratar do assunto. Na imagem, o professor aparece em seu ambiente de trabalho, trajando roupa social e gravata, o que não é comum a todos os professores. Esses detalhes ajudam a criar o efeito de sentido no sujeito leitor.

Aliado ao estilo das vestimentas usadas pelo professor, para provocar os sentidos, o autor usa a frase “professor da federal falando que ganha mal”. A palavra “federal” provoca um deslocamento de sentidos nesse meme, pois o autor divide uma classe de trabalhador e retrata apenas o professor que trabalha na instituição federal. Ser professor de instituição federal é diferente de ser professor em outras instituições?

A frase “pelo mundo viajarei” é contraditória com a condição de professor que ganha mal, levantando questionamentos e reflexões acerca do que vem sendo veiculado e discursivizado no ambiente virtual. Estabelecendo uma composição com

esse enunciado, o idealizador do meme utilizou a imagem de um desenho que chegou ao Brasil no final dos anos 1990, denominado Pokémon. No desenho, competidores viajavam pelo mundo para participar de torneios.

A escolha dessa imagem, desde que o sujeito leitor mobilize relações com outros textos, contribui para um efeito de unidade e humor no/do meme. Viajar pelo mundo, todas as vezes que o professor da “federal” fica de férias, está em desacordo com o que é dito em relação à sua condição salarial. Esse jogo de palavras e imagens leva o sujeito leitor a deslocar seu olhar acerca de temas que são abordados, há o esquecimento e, conseqüentemente a ilusão de que a abordagem já foi completamente consolidada.

A breve análise desses memes tem como objetivo mostrar a você, professor(a), que é possível trabalhar com essa materialidade nas aulas de Língua Portuguesa, mobilizando múltiplas linguagens, levando o aluno a refletir sobre as condições de produção, a ideologia, os efeitos de sentidos, a memória discursiva, as relações estabelecidas com outros textos e com outros discursos, e tudo que comparece, ou não, na composição desse gênero textual, além de promover um deslocamento de olhar.

É importante pensar que não basta trabalhar o meme por ele mesmo. É possível realizar um trabalho de cunho discursivo utilizando esse gênero textual. Com o objetivo de apresentar situações que podem ajudar a desenvolver um roteiro de atividades utilizando essa materialidade, sugiro, a seguir, alguns pontos que devem ser observados para que haja um trabalho da perspectiva discursiva. Ao trabalhar com meme:

- Eleja um tema
- Estimule seu aluno a descrever o meme
- Analise o que comparece e o que não comparece na composição do meme
- Leve o aluno a analisar quais são as regularidades e quais são os deslocamentos produzidos a partir das relações de sentidos
- É importante saber para quem foi idealizado
- Observe se a imagem e o texto estão compostos de modo a produzir um efeito de complementaridade ou de antagonismo nas relações entre verbal e não verbal
- Analise se a produção é de cunho crítico ou apenas humorístico

- Aborde sobre polissemia e paráfrase.
- Explique o potencial de alcance dos memes, destacando a questão da responsabilidade que se tem ao compartilhar ou criar um meme.
- Discuta os riscos de invasão de privacidade ou de espalhar desinformação.
- Promova uma rápida discussão sobre humor, destacando que textos humorísticos e satíricos não são necessariamente inofensivos.

Levante discussões usando os seguintes questionamentos:

- Um meme pode ser opinativo? Informativo? Jornalístico?
- Um meme pode ser educativo?
- Um meme pode ofender ou discriminar? Pode espalhar desinformação?
- Um meme pode violar o direito de imagem? E a privacidade?
- Quais as nossas responsabilidades ao produzir um meme? E ao compartilhar?
- Um meme pode comprometer a imagem de uma pessoa pública, de uma marca ou mesmo de um cidadão comum. Que atitude precisamos ter diante desse tipo de conteúdo?
- Para ampliar o trabalho, crie um laboratório de memes. Os alunos deverão criar um meme e, em seguida, adicioná-lo a um ambiente colaborativo como Google Fotos, Padlet, Slides, Powerpoint ou qualquer outro.

Espero que esse pequeno roteiro sirva para que você, professor(a), desperte o interesse em realizar um trabalho com o gênero meme e compreenda que ele pode ser um grande aliado no desenvolvimento crítico do aluno.

PRODUZA SEU MEME⁹

Para produzir Memes é preciso utilizar a ferramenta certa, com os recursos necessários para editar imagens e aplicar textos. Veja como é fácil transformar as suas aulas de Língua Portuguesa utilizando o meme como gênero textual, e contar com o privilégio de os próprios alunos assumirem sua autoria. Alguns apps que podem ajudá-lo nessa tarefa:

Meme Generator Free

- Tem um banco de dados com quase mil imagens de memes prontas para você usar.
- Infelizmente, a ampla maioria está em inglês.
- Há ferramentas para você criar as suas próprias montagens.
- Use as fotos do arquivo ou as suas.
- Entre outros recursos, há a possibilidade de adicionar stickers e ajustar as fontes de texto em cor e tamanho.

Saiba mais:



Disponível em: [Meme Generator – Apps no Google Play](#)

Instameme

- Mais de 5 mil imagens disponíveis para edição.
- Possibilidade de incluir emojis, emoticons e stickers.
- O editor de textos é simples e intuitivo.
- Pode-se trabalhar com camadas e adicionar planos de fundo às suas fotos antes de finalizar a criação do meme.

Saiba mais



Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.fawesome.instameme>

⁹ FONTE: <https://www.meupositivo.com.br/doseujeito/dicas/aplicativo-para-fazer-memes/>

Gerador de Memes

- Feito por brasileiros e para brasileiros.
- 100% em português.
- Relativamente novo, banco de imagens limitado – pouco mais de 100 fotos.
- O editor é bastante simples.
- Você pode utilizar as suas próprias imagens, adicionar texto sobre elas e mudar a cor da fonte.
- Não há opções para incluir *stickers* ou *emojis*.

Saiba mais



Disponível em:

<https://play.google.com/store/apps/details?id=gerador.de.memes.meme&hl=pt>

Meme Creator

- Reúne mais de mil imagens de meme para editar.
- Se baseia nos memes norte-americanos.
- Conta com uma das maiores bibliotecas de imagens “consagradas” na internet.
- Elas estão subdivididas em categorias.
- É possível adicionar *stickers* e até mesmo marca d’água e logo às criações.
- São mais de 25 opções de fontes para os textos.
- É um dos apps que oferece mais recursos.

Saiba mais



Disponível em:

<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.dirtydevelopers.memegurufree&hl=pt>

Meme Maker

- Cerca de 70 fotos no banco de imagens.
- Você pode usar as suas para adicionar texto e transformar em meme.
- Após concluir suas criações, é fácil compartilhá-las via redes sociais.
- Disposição das imagens em forma de *templates*.
- Há poucas opções de fontes.

Saiba mais



Disponível em:

<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.at.meme-maker>

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Ceres. O funcionamento da memória na produção de memes sobre a pandemia de 2020. *In: Discursos da pandemia: entre dores e incertezas*. Angela Baalbaki; Luiz Felipe Andrade Silva [Orgs]. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. 208 p.

DIAS, Cristiane P. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. COELHO, André. V de Vinagre: a produção de imagens humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. *In: Textecendo Discursos na Contemporaneidade*. Ane Ribeiro Patti; Daiana de Oliveira Faria; Daniela Giorgenon; Dantielli Assumpção Garcia; Lucília Maria Abrahão e Sousa [Orgas]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 421p.

DIAS, Cristiane. A língua em sua materialidade digital. Seminário de Estudos em Análise do Discurso (3.: 2007: Porto Alegre, RS) **Anais do III SEAD-Seminário de Estudos em Análise do Discurso** [recurso eletrônico]--Porto Alegre: UFRGS, 2007Disponível em: <https://www.ufrgs.br/anaisdosead>. Acesso em: 19 mar. 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni P. **A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade**. Rua [online], n.16, v.2, campinas, Labeurb/Unicamp, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816/6422>. Acesso em: 31 jun. 2023.

SANTOS, Geovana. **Academia da depressão: efeitos de sentido das discursividades em memes**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 123. 2019.

ANEXOS

ANEXO A

Primeiro Meme da internet



<https://www.google.com/search?q=qual+foi+o+primeiro+meme+da+internet&oq=&aqs=chrome.0.69i59i450l8.393494j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

ANEXO B – LINK ENTREVISTA COM ORLANDI - O que a Análise do Discurso investiga.

https://www.google.com/search?q=entrevista+sobre+an%C3%A1lise+do+discurso+com+Orlandi&spell=1&sa=X&ved=2ahUKEwivkvCb8Z3_AhXlrJUCHYDvC3YQBSgAeqQIBxAB&b

ANEXO C – LINKS DE TEXTOS SOBRE AD E MEMES

Sentidos da leitura.
Dirce Navroski C. Fernandes

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2062-8.pdf>

A leitura: uma prática discursiva
Ercília Ana Cazarin

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/336/358

Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos
Anderson Guerreiro, Neiva Maria Machado Soares

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185/33189>

A análise do discurso digital: um campo de questões
Cristiane Dias

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515/2079>

A contrapelo: incursão teórica na tecnologia-discurso eletrônico, escola, cidade
Eni Puccinelli Orlandi

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816/6422>

Memes e (re)formulação: afastamentos e aproximações discursivas
Gustavo Haiden de Lacerda

<https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/719/414>

A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso
Cristiane Dias

<http://www.revistalinguas.com/edicao37/artigo7.pdf>

Imagens e metáforas do mundo
Cristiane Dias

https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=th&user=tE-GEJgAAAAJ&citation_for_view=tE-GEJgAAAAJ:zYLM7Y9cAGgC

A língua em sua materialidade digital
Cristiane Dias

<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/CristianeDias.pdf>

Leitura, escrita e ensino à luz da análise do discurso
Freda Indursky

https://www.academia.edu/42832226/LEITURA_ESCRITA_E_ENSINO_%C3%80_L_UZ_DA_AN%C3%81LISE_DO_DISCURSO

Os desafios de ensinar a Análise do Discurso e de se ensinar com a Análise do Discurso

Carolina Fernandes

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15178>

Práticas de ensino à luz da perspectiva discursiva materialista

Dulcelir Queiroz

Rubienes Santos

<https://server2.midas.unioeste.br/sgev/eventos/23jell/anais>

ANEXO D – INDICAÇÃO DE OBRAS SOBRE A AD

CARNEIRO, Ceres. O funcionamento da memória na produção de memes sobre a pandemia de 2020. *In: Discursos da pandemia: entre dores e incertezas*. Angela Baalbaki; Luiz Felipe Andrade Silva [organizadores]. 1. Ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

DIAS, Cristiane. COELHO, André. V de Vinagre: a produção de imagens humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. *In: Textecendo Discursos na Contemporaneidade*. Ane Ribeiro Patti; Daiana de Oliveira Faria; Daniela Giorgenon; Dantielli Assumpção Garcia; Lucília Maria Abrahão e Sousa [Organizadoras]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 421p.

DIAS, Cristiane. **O sentido da automatização na análise de discurso**: sobre a maquinaria dos sentidos. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 44, p. 198 – 221, jul/dez. 2019.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

INDURSKY, Freda. O Texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. *In: Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade / Suzi Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs.) – Pontes Editores, 2010 – 2ª Edição: Campinas, SP.*

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, Michel (1983). **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2015.